

DESIGUALDADES SOCIAIS NO TRABALHO POR CONTA PRÓPRIA

ANÁLISES INTERSECCIONAIS DE RAÇA, CLASSE E GÊNERO

Cartilha sobre as desigualdades no trabalho por conta própria no Brasil, voltada a tomadores de decisão em órgãos públicos brasileiros. Baseada em análise de dados do IBGE sobre desigualdades de classe, gênero e raça em 2019 e 2023.



MINISTÉRIO DA IGUALDADE RACIAL

Presidente da República: Luiz Inácio Lula da Silva

Vice-Presidente da República: Geraldo Alckmin

Ministra de Estado da Igualdade Racial: Anielle Francisco da Silva

Secretária Nacional de Políticas de Ações Afirmativas, Combate e Superação do Racismo: Marcia Regina de Lima Silva

Diretora de Políticas de Ações Afirmativas: Layla Daniele Pedreira de Carvalho

Diretora de Políticas de Ações Afirmativas Substituta: Vanessa Patrícia Machado Silva

Revisão: Ana Luísa Pontes, Andressa Almeida, Clarice Concê, Gabriel Martins Teles; Gabriela da Costa Silva, Larissa Lins, Moema Carvalho Lima; Tábata Maria Alves Matheus.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor: Irineu Manoel de Souza

Vice-Reitora: Joana Célia dos Passos

Chefe do Departamento de Sociologia e Ciência Política: Marcelo Simões Serran de Pinho

Coordenadora do Laboratório de Sociologia do Trabalho: Thaís de Souza Lapa

Coordenador da pesquisa: Jacques Mick

Jornalistas e pesquisadoras: Andressa Kikuti Dancosky e Denise Martins Lira

Pesquisadores: Arland Tássio de Bruchard Costa e Flávia Thais Michel

Servidora técnico-administrativa: Mara Beatriz da Silva Oliveira

Consultoria: João Carlos Nogueira - Rede Brasil Afroempreendedor



SUMÁRIO

04 INTRODUÇÃO: Trabalhar por conta própria e seus desafios no Brasil atual

07 SEÇÃO 1: Quem trabalha por conta própria no Brasil?

09 SEÇÃO 2: As desigualdades nas ocupações mais comuns dos conta própria

Como os efeitos das desigualdades incidem sobre a vida de quem trabalha por conta própria?

Distribuição da renda nas atividades por conta própria dominadas por mulheres negras

Distribuição da renda nas atividades por conta própria dominadas por homens negros

Algumas considerações

26 SEÇÃO 3: Ideias para políticas públicas que podem transformar o trabalho por conta própria no Brasil

Domínio da vida na periferia

Domínio da atividade produtiva

Domínio das conexões sociais igualitárias

Domínio da política econômica

INTRODUÇÃO: TRABALHAR POR CONTA PRÓPRIA E SEUS DESAFIOS NO BRASIL ATUAL

Cabeleireira, motorista de caminhão, vendedora de porta em porta, engenheiro, mecânico, psicóloga, artesã. Apesar das enormes diferenças que caracterizam essas atividades, cada uma com suas próprias dinâmicas e habilidades específicas, elas possuem algo em comum: todas podem pertencer ao chamado trabalho por

conta própria. No Brasil, essa categoria é usada para se referir a todos os trabalhadores que são remunerados, mas não são contratados pelo regime de CLT, ou seja, não têm emprego formal. Os Microempreendedores Individuais (MEI) fazem parte desse grupo.



Como assim, “conta própria”?

Não se pode dizer que os “conta própria” são meramente trabalhadores “informais”. Aliás, nos últimos anos, reflexões sobre as limitações do conceito de informalidade permitiram uma compreensão mais profunda do tema. Simplesmente separar o trabalho entre formal e informal impede que vejamos a complexidade dessa realidade, até porque, muitas vezes, o formal e o informal se misturam em determinadas atividades.

A categoria da qual tratamos aqui inclui, além dos(as) informais, também os profissionais liberais e prestadores de serviços com CNPJ, ou seja, todo mundo que trabalha sem patrão. Até mesmo alguns tipos de empregadores são enquadrados como conta própria, compondo a enorme e confusa categoria de “empreendedores brasileiros”, um termo influenciado pelo pensamento neoliberal. Ao todo, esse conjunto de pessoas soma cerca de

Entender as nuances que compõem esse grupo é uma tarefa importantíssima para quem se preocupa com o tema do trabalho e emprego, e especialmente para quem se propõe a pensar políticas públicas que ajudem a distribuir renda

e combater a pobreza. Esse é um enorme desafio, tendo em vista a heterogeneidade e as desigualdades estruturais de classe, raça, gê-



nero, etárias e territoriais que atravessam o trabalho.

Essa cartilha foi pensada para ajudar tomadores de decisão, estudantes e pesquisadores e lideranças de movimentos sociais e organizações da sociedade civil a entenderem melhor a composição do trabalho por conta própria no Brasil. Ela é baseada nos resultados de um estudo desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com o apoio do Ministério da Igualdade Racial, intitulado Trabalho “por conta própria” no Brasil pós-pandemia: desigualdades interseccionadas.

21,5 milhões — um a cada cinco brasileiros(as) que trabalham.

Chamar todo mundo de “empreendedor” é simplista, e acaba ignorando desigualdades ao tratar realidades muito diferentes de maneira uniforme, como entre um empresário rico e uma dona de pequeno negócio na periferia. Mesmo quando o crescimento econômico leva mais oportunidades às comunidades pobres, o uso de conceitos inadequa-

dos para descrever o empreendedorismo em contextos tão distintos revela as dificuldades e complexidades enfrentadas pelos trabalhadores por conta própria em condições adversas.



No estudo, foram analisados dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C), feita pelo IBGE, no terceiro trimestre de 2023 e de 2019¹. O principal objetivo do estudo foi desenvolver e interpretar a intercessão das desigualdades de raça, classe, gênero e território, e como elas operam nas 20 principais atividades do setor.

Este material, que compila os dados nacionais da pesquisa e foca nas ocupações predominantemente feitas por pessoas negras, é dividido em três seções. Na primeira, você encontra uma caracterização geral do grupo de trabalhadores(as) por conta própria no Brasil, e quais são os tipos de trabalho mais comuns.

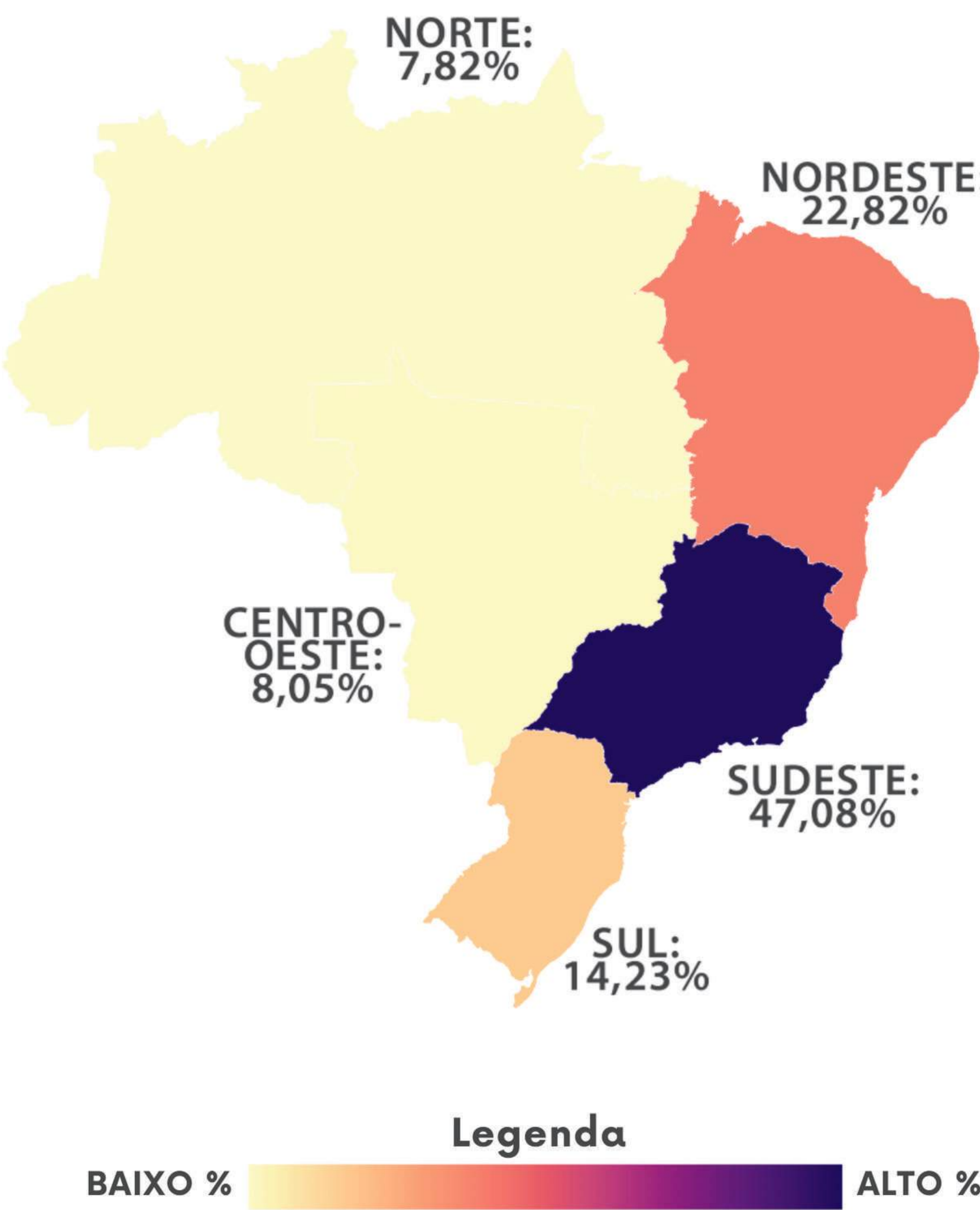
Na segunda, vamos nos de-

bruçar sobre os efeitos das desigualdades sobre a vida profissional dessas pessoas: diferenças entre homens e mulheres, pessoas brancas e negras. Comparamos ainda alguns dados de 2023 com os de 2019, antes da pandemia, para ver como esse período influenciou a vida de trabalhadores(as) sem patrão no país. Na terceira e última seção desta cartilha, trazemos algumas recomendações de políticas públicas voltadas para o trabalho por conta própria no Brasil. Elas podem servir de base para pensar saídas que ajudem a transformar o cenário, na direção de melhores condições para essa robusta e complexa classe de trabalhadores(as) brasileiros(as).

¹Os(as) brasileiros(as) selecionados(as) para a amostra são aqueles(as) que residem nas zonas urbanas, e têm como ocupação principal um trabalho por conta própria, excluindo quem trabalha como autônomo(a) somente para complementar a renda. Os(as) trabalhadores(as) domésticos(as) têm uma variável específica na PNAD-C e não fazem parte deste estudo.

Nota do gráfico ao lado: nos dois primeiros mapas, as regiões Centro-Oeste e Norte estão com cores semelhantes, devido à baixa diferença percentual entre elas, 0,23% e 0,25%, respectivamente.

% dos conta própria



SEÇÃO 1: QUEM TRABALHA POR CONTA PRÓPRIA NO BRASIL?

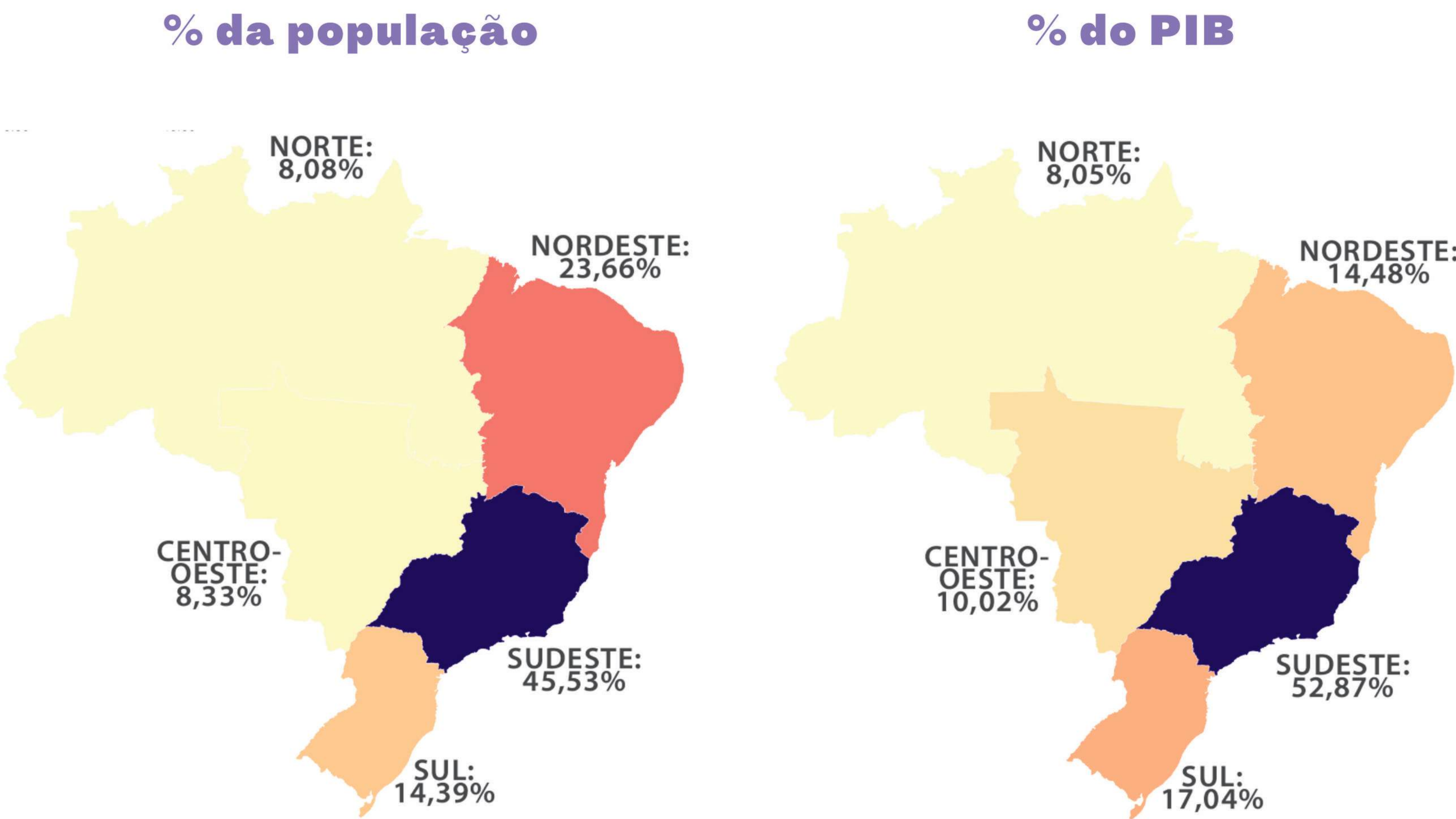
Mais de 20 milhões de brasileiros e brasileiras trabalham por conta própria. Como você pode notar nos mapas abaixo, a distribuição desses trabalhadores no país mais ou menos acompanha o tamanho da população e do PIB: quase metade está no Sudeste, um quarto no Nordeste, e o restante nas demais regiões.

No Sul, há mais autônomos formais com renda mais alta, enquanto no Nordeste ocorre

o contrário. As atividades mais comuns em cada região refletem as características econômicas locais.

No quadro da página 08, resumimos as características demográficas principais dos conta própria no Brasil. Um trabalhador típico seria um homem negro com ensino médio, acima dos 40 anos, que tem o trabalho autônomo como principal fonte de renda há mais de dois anos.

Distribuição por região dos conta própria, da população (Brasil urbano, 2023) e do PIB (2017)



Número de Trabalhadores por Conta Própria

- Total: **21,5 milhões** de pessoas
- Cerca de **um quinto** do total de trabalhadores brasileiros

Faixa Etária

- 40 a 60 anos: **42,2%**
- Mais de 60 anos: **11,5%**
- 31 a 40 anos: **25,2%**
- Até 30 anos: **21,1%**
- **Dois terços** dos conta própria têm entre 31 e 60 anos.

Horas Trabalhadas por Semana

- Até 30 horas: **32%**
- Entre 31 e 40 horas: **33%**
- Mais de 40 horas: **35%** (**11%** trabalham mais de 50 horas)

Escolaridade

- Nenhuma ou menos de um ano de estudo: **2,6%**
- Ensino fundamental: **29,8%**
- Ensino médio: **43,1%**
- Ensino superior: **24,5%**

Perfil Demográfico: Gênero e Raça

- Homens negros: **35%**
- Homens brancos: **27%**
- Mulheres negras: **20%**
- Mulheres brancas: **18%**

Duração das atividades

- Trabalham no mesmo ofício há mais de dois anos: **77%**
- Menos de um ano na atividade: **16%**

Local de Trabalho

- Trabalham de casa, na rua ou sem local fixo: **57%**
- Possuem lojas, escritórios ou galpões: **43%**

Renda e Estabilidade no Trabalho

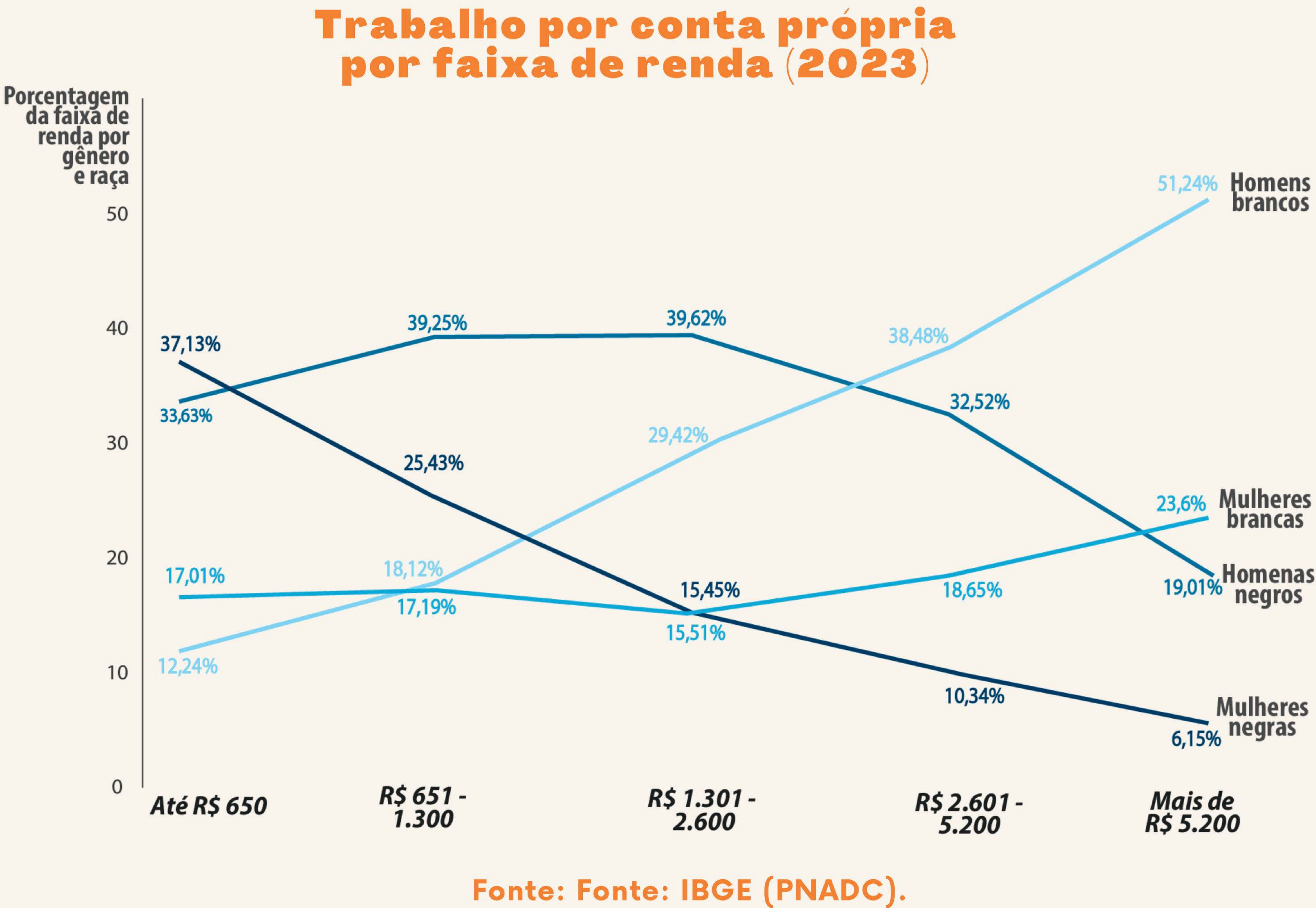
- **98%** dependem do trabalho autônomo como única fonte de renda
- Ganham menos de um salário mínimo: **33%**
- De um a dois mínimos: **38%**
- De dois a quatro mínimos: **21%**
- Mais de quatro mínimos: **8%**

Fonte: IBGE/PNAD-C - Terceiro Trimestre de 2023, elaboração da equipe de pesquisa com base nos trabalhadores urbanos

Nota: O cálculo de horas trabalhadas pode ser impreciso, especialmente para mulheres, já que muitas trabalham em casa, onde os tempos de trabalho e cuidado doméstico se misturam. Organizar o espaço doméstico pode não ser considerado oficialmente como parte da atividade profissional, mas acaba sendo essencial para quem trabalha em casa.

O trabalho por conta própria reflete um feixe de desigualdades entrecruzadas de classe, gênero e raça, que vamos detalhar mais adiante. Mas no infográfico a seguir é possível observar os principais

reflexos disso: as mulheres negras são o grupo mais presente nas faixas de renda mais baixa, enquanto os homens brancos ocupam as faixas de renda mais alta.



SEÇÃO 2: AS DESIGUALDADES NAS OCUPAÇÕES MAIS COMUNS DOS CONTA PRÓPRIA

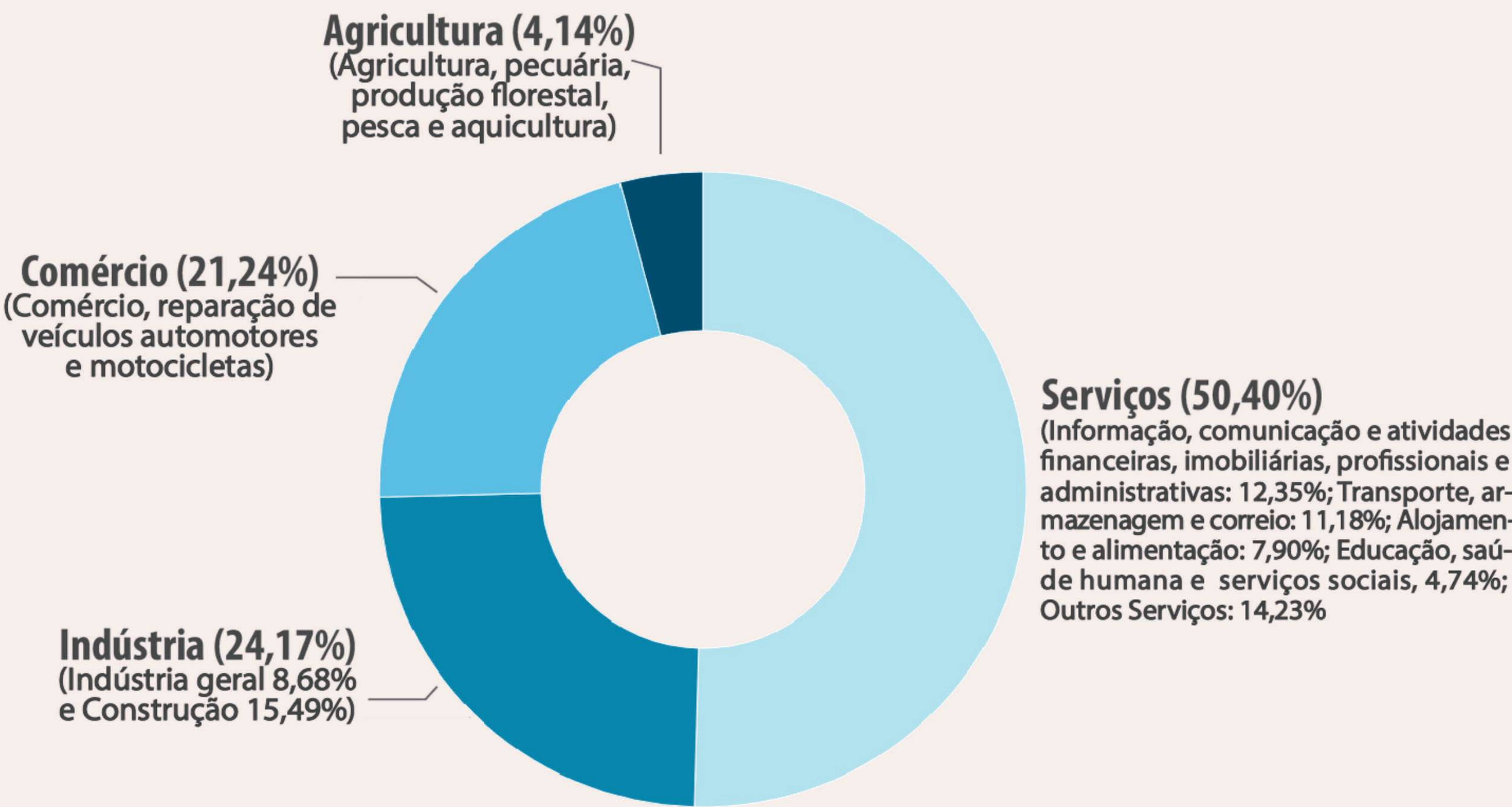
Pessoas que vivem por conta própria trabalham com uma diversidade enorme de ativi-

dades, nos setores de agricultura, indústria, comércio e serviços. A maioria está no setor

de serviços (50,4%). Na indústria, que representa 24,17% dos conta própria, 16% atuam na construção civil. Já quem trabalha no comércio forma 23% do total. Embora o estudo fo-

que em trabalhadores urbanos, 4% dos entrevistados na PNAD-C estavam envolvidos em atividades agrícolas, como agricultura, pecuária, pesca ou aquicultura.

Distribuição dos conta própria por setor de atividade (Brasil urbano, 2023)



Fonte: IBGE (PNADC).
*** Há ainda 0,03% de atividades indefinidas.**

Assim como em outros setores da economia, as atividades por conta própria são marcadas pela divisão sexual e racial do trabalho. Homens dominam a construção civil (98%), transporte e armazenagem (94%) e agricultura (86%), além de serem maioria em áreas como informação, comunicação, finanças

e comércio. Já as mulheres são maioria nos serviços sociais, saúde, educação (68%), alojamento e alimentação (57%), e na indústria (55%). Em termos raciais, pessoas brancas predominam em serviços sociais, educação e saúde (66%), e nas atividades de informação e finanças (63%). Pessoas negras estão mais presen-

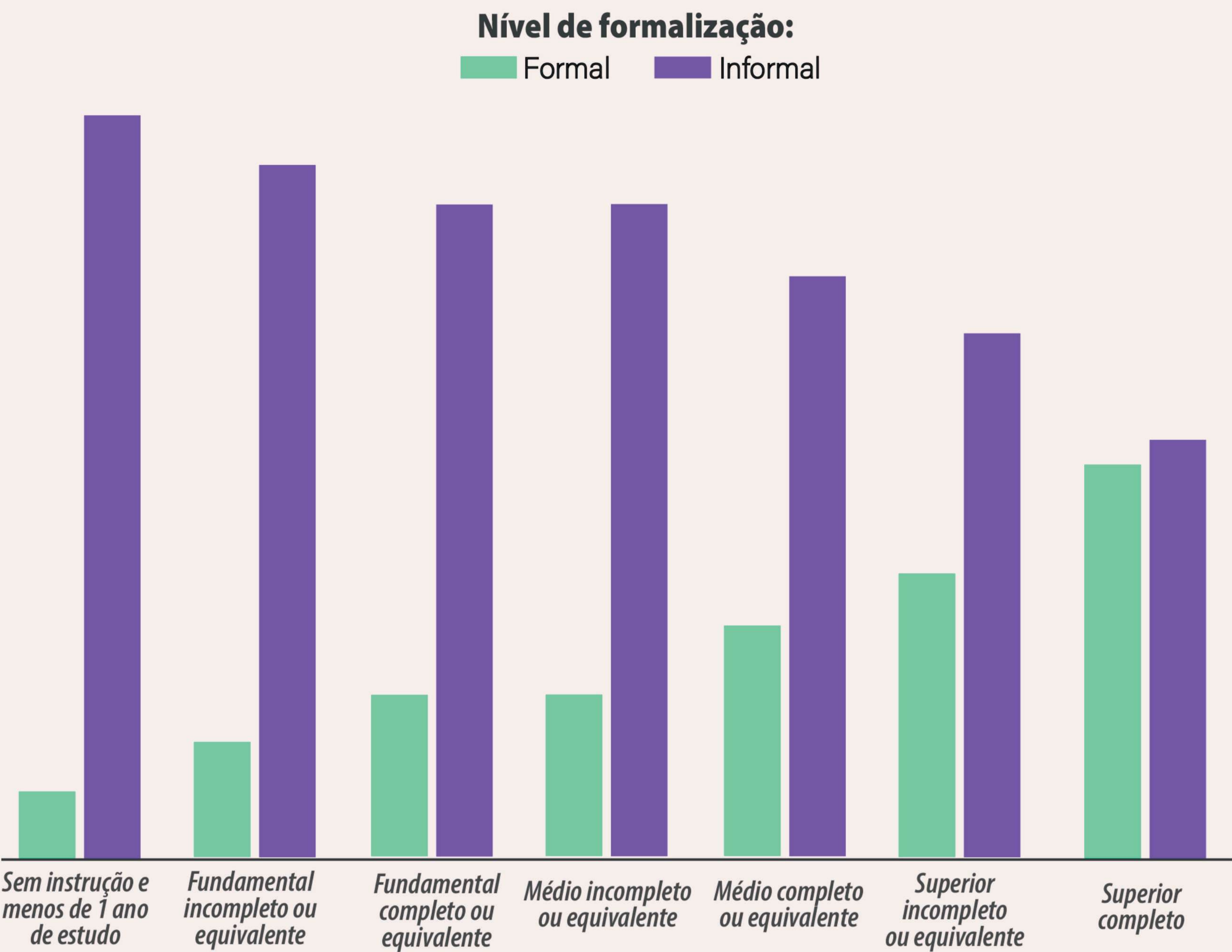
tes na construção civil (64%), no alojamento e alimentação (58%) e no comércio (55%).

As diferenças sociais criam uma pirâmide de desigualdade, que coloca homens brancos no topo e mulheres negras na base.

A maioria dos trabalhadores por conta própria atua na economia informal (72%), com apenas 28% formalizados (boa parte como MEI). A formalização é mais comum entre pes-

soas brancas (37%) do que entre negras (80% informais). A escolaridade também influencia: 91% das atividades dos trabalhadores com menos estudo são informais, enquanto entre os que têm ensino superior completo, 51% são formalizados. A formalização é mais frequente em atividades com rendas acima de R\$ 5.200,00 (66%), enquanto quase todo mundo que ganha menos de R\$ 1.300,00 é informal.

Taxa de formalização de conta própria por escolaridade (Brasil urbano, 2023)



Fonte: IBGE (PNAD-C).

COMO OS EFEITOS DAS DESIGUALDADES INCIDEM SOBRE A VIDA DE QUEM TRABALHA POR CONTA PRÓPRIA?

Veremos agora como as desigualdades sociais atravessam umas às outras no trabalho por conta própria no Brasil. Para isso, construímos gráficos que posicionam as 20 principais atividades em quadrantes de raça e gênero. Vamos apresentá-los em sequência, para facilitar a comparação entre eles.

COMO LER OS GRÁFICOS

Cada **ícone** representa um **tipo de atividade** por conta própria, conforme as definições da PNAD-C. A legenda está disponível na fim desta cartilha.

A **raça** é representada pela diferença de **cor de fundo** dos gráficos, no eixo horizontal: quanto mais à esquerda, mais branca é a atividade; quanto mais à direita, mais negra.

O **gênero** é representado pelo eixo vertical, sendo **a parte superior masculina**, e **a inferior, feminina**. Quanto mais distante da linha central, mais generificada é a atividade, ou seja, maior é a predominância de homens (se acima) ou de mulheres (se abaixo).

O **Gráfico 1** apresenta as principais atividades na faixa de renda mais baixa (até R\$ 650). Nela, quase todas as profissões pertencem majoritariamente à população negra. As desigualdades interseccionais distanciam Condutores de motocicletas como as mais masculinas e negras e Cabeleireiras como a atividade mais feminina e negra nessa faixa de renda.

No **Gráfico 2**, que apresenta a faixa de renda de R\$ 651 e R\$ 1.300, observa-se a presença de profissões mais negras e também mais masculinas. Alfaiates, modistas, chapeleiros e peleteiros e Especialistas em tratamento de beleza e afins são as profissões mais femininas. Entre as mais masculinas, estão as ligadas à construção civil.

O **Gráfico 3** apresenta as atividades por conta própria com faixa de renda entre R\$ 1.301 e R\$ 2.600. Aqui, a desigualdade também predomina pelo eixo racial, concentrado no grupo negro. Pela análise interseccional, as atividades simultaneamente mais masculinas e negras são as de

Construção e Transporte e as mais femininas e negras são as de Costura e Beleza.

O Gráfico 4 revela que, nas atividades por conta própria de renda entre R\$ 2.601 e R\$ 5.200, os brancos predominam em metade das ocupações, com foco em Agricultores para homens brancos e Psicólogas para mulheres brancas. Equilíbrio na participação quanto a gênero e raça-cor nessa faixa de renda ocorre nas ocupações de Vendedores e Cabeleireiros.

Por fim, o Gráfico 5 descre-

ve quadrantes dos conta própria com faixa de renda superior a R\$ 5.200. O eixo racial separa as atividades por completo, colocando-as totalmente ao lado dos brancos; nos quadrantes de gênero, há concentração bem mais significativa entre homens. Nesse gráfico aparecem mais profissões liberais do que nos anteriores, e a mais feminina e branca das atividades é a de Psicólogas. As mais masculinas e brancas são Engenheiros Civis, Agricultores e Criadores de gado.

GRÁFICO 1 - ATIVIDADES POR CONTA PRÓPRIA POR FAIXA DE RENDA, SEXO E RAÇA-COR: RENDA ATÉ R\$ 650 (2023) (BRASIL URBANO)

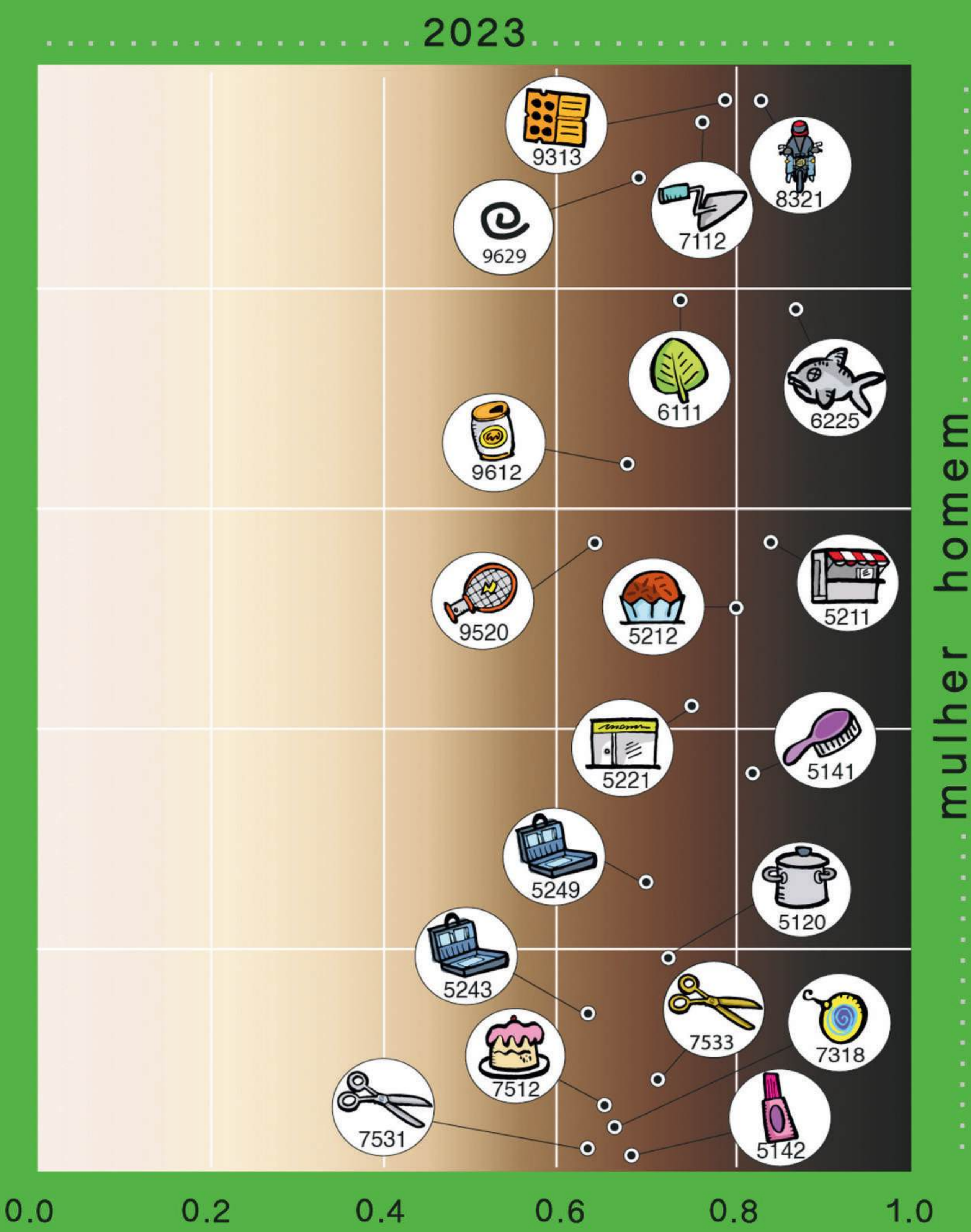


GRÁFICO 2 - ATIVIDADES POR CONTA PRÓPRIA POR FAIXA DE RENDA, SEXO E RAÇA-COR: RENDA ENTRE R\$ 651,00 E R\$ 1300,00 (2023) (BRASIL URBANO)

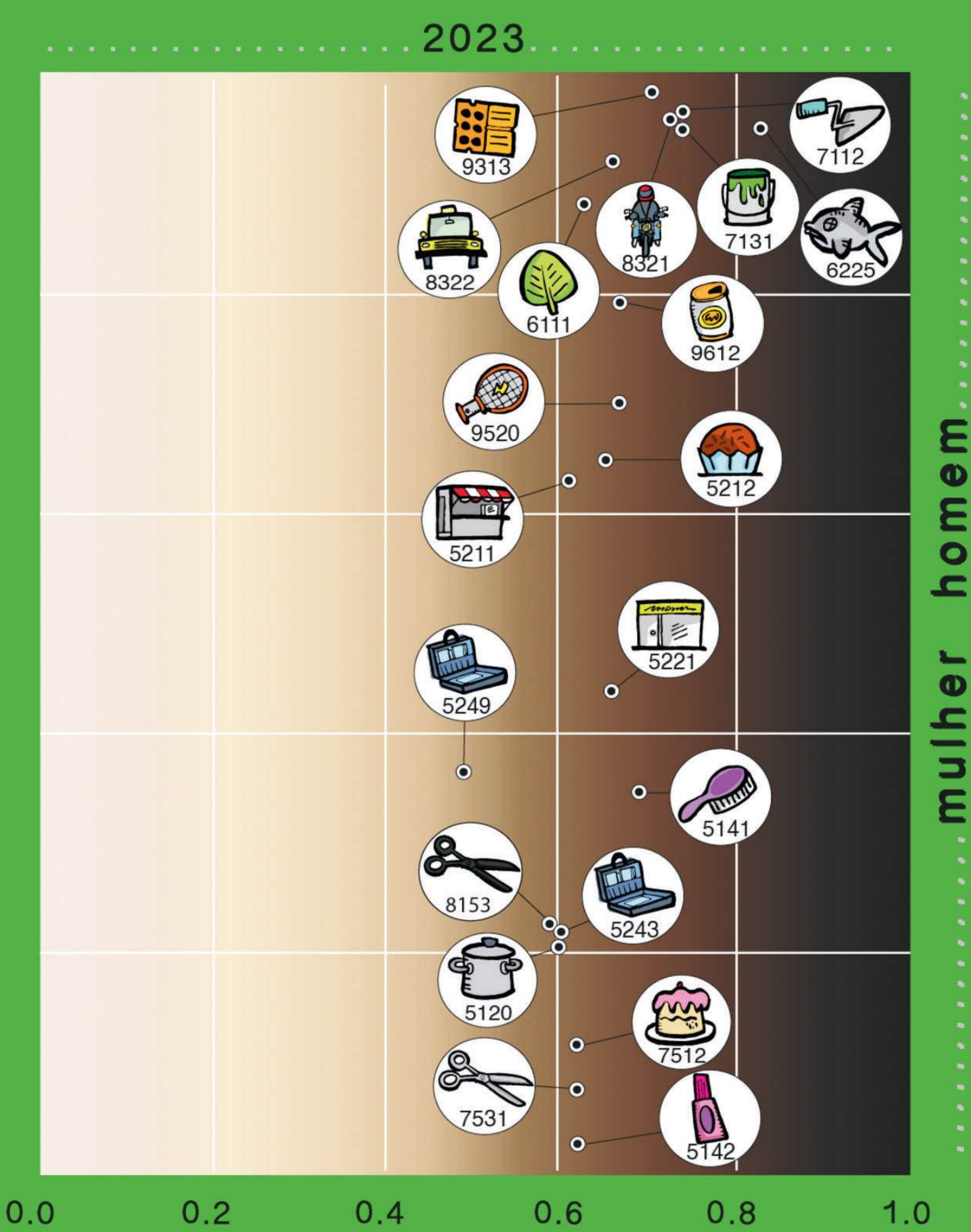


GRÁFICO 3 - ATIVIDADES POR CONTA PRÓPRIA POR FAIXA DE RENDA, SEXO E RAÇA-COR: RENDA ENTRE R\$ 1.301,00 E R\$ 2.600,00 (2023) (BRA-SIL URBANO)

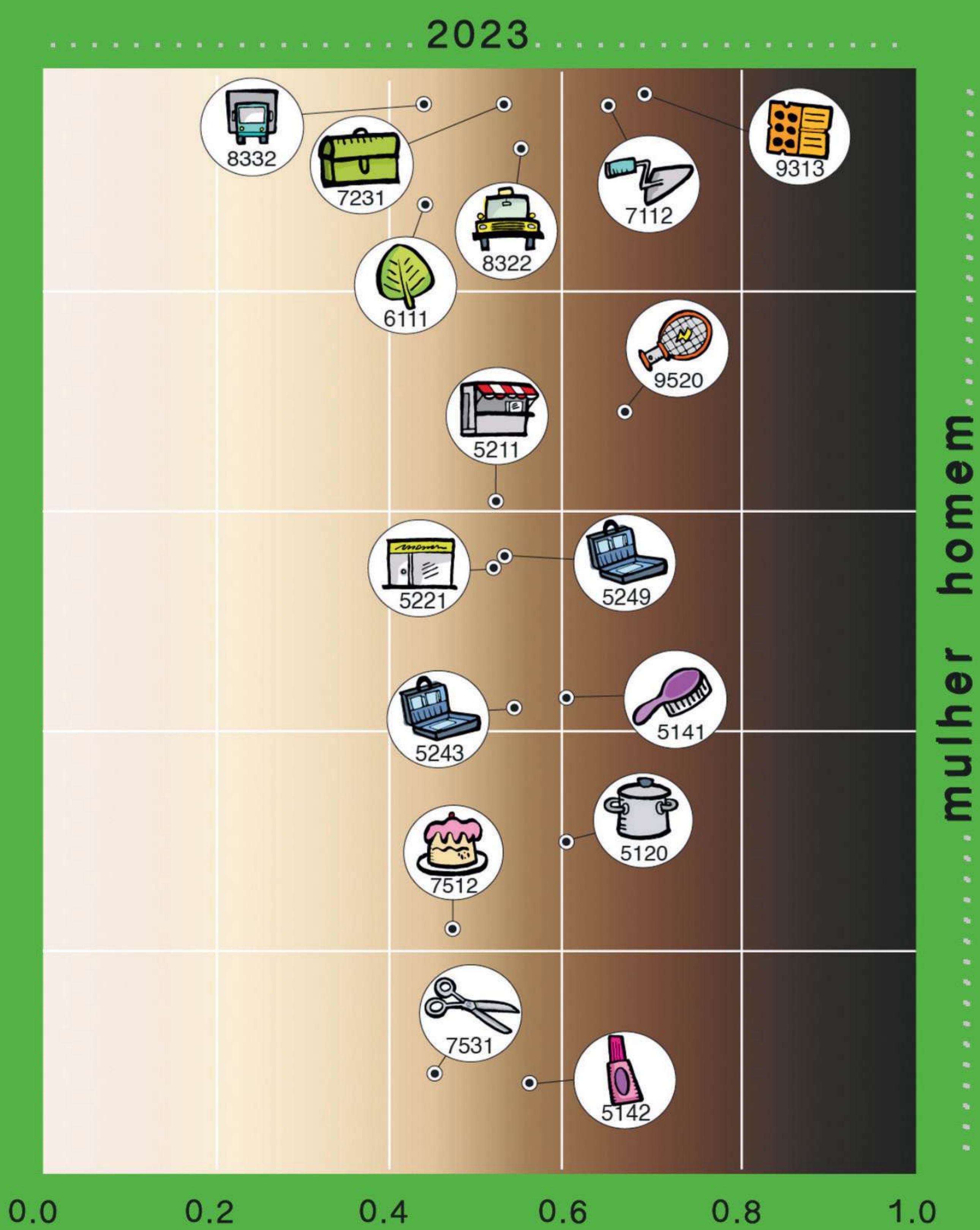
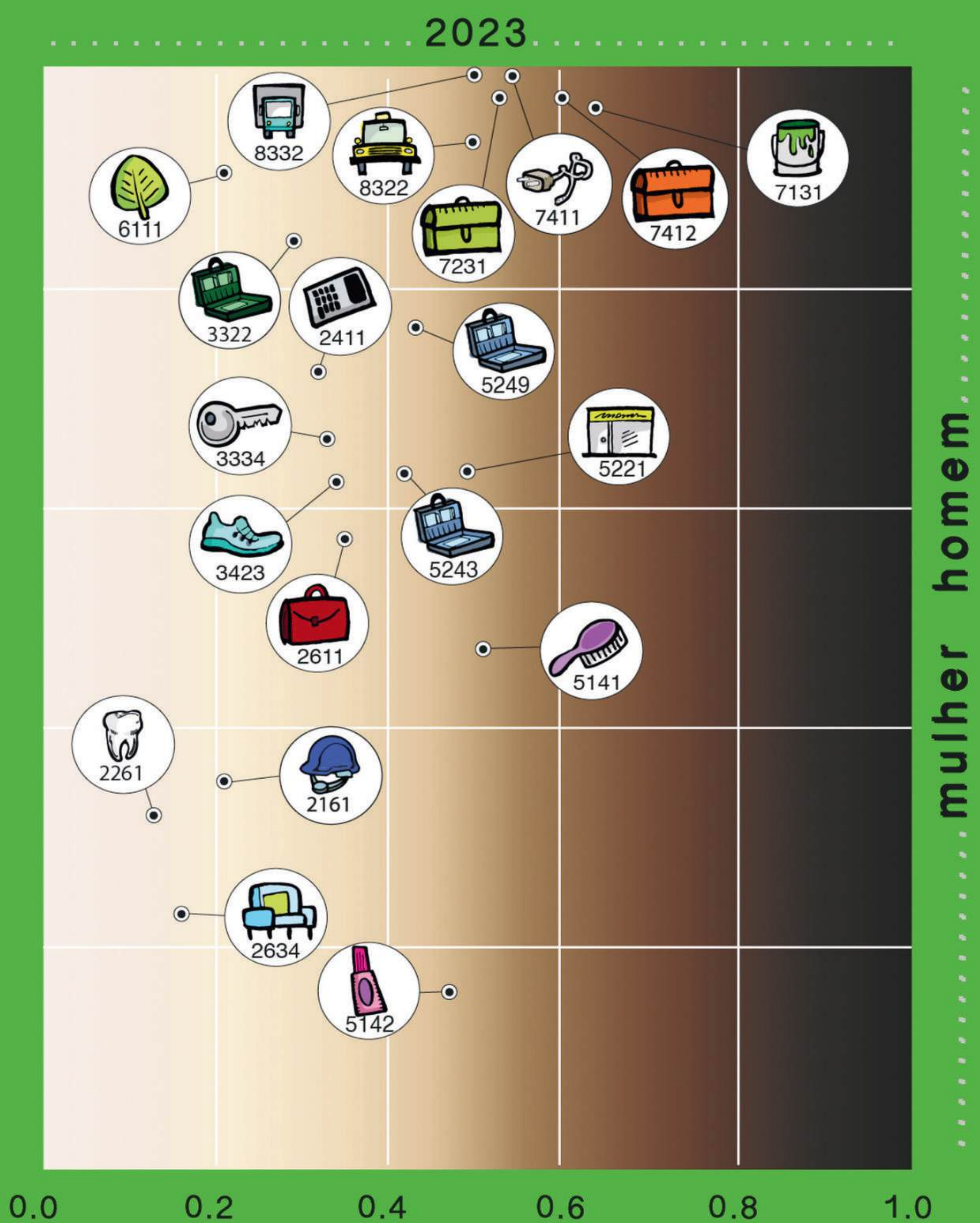


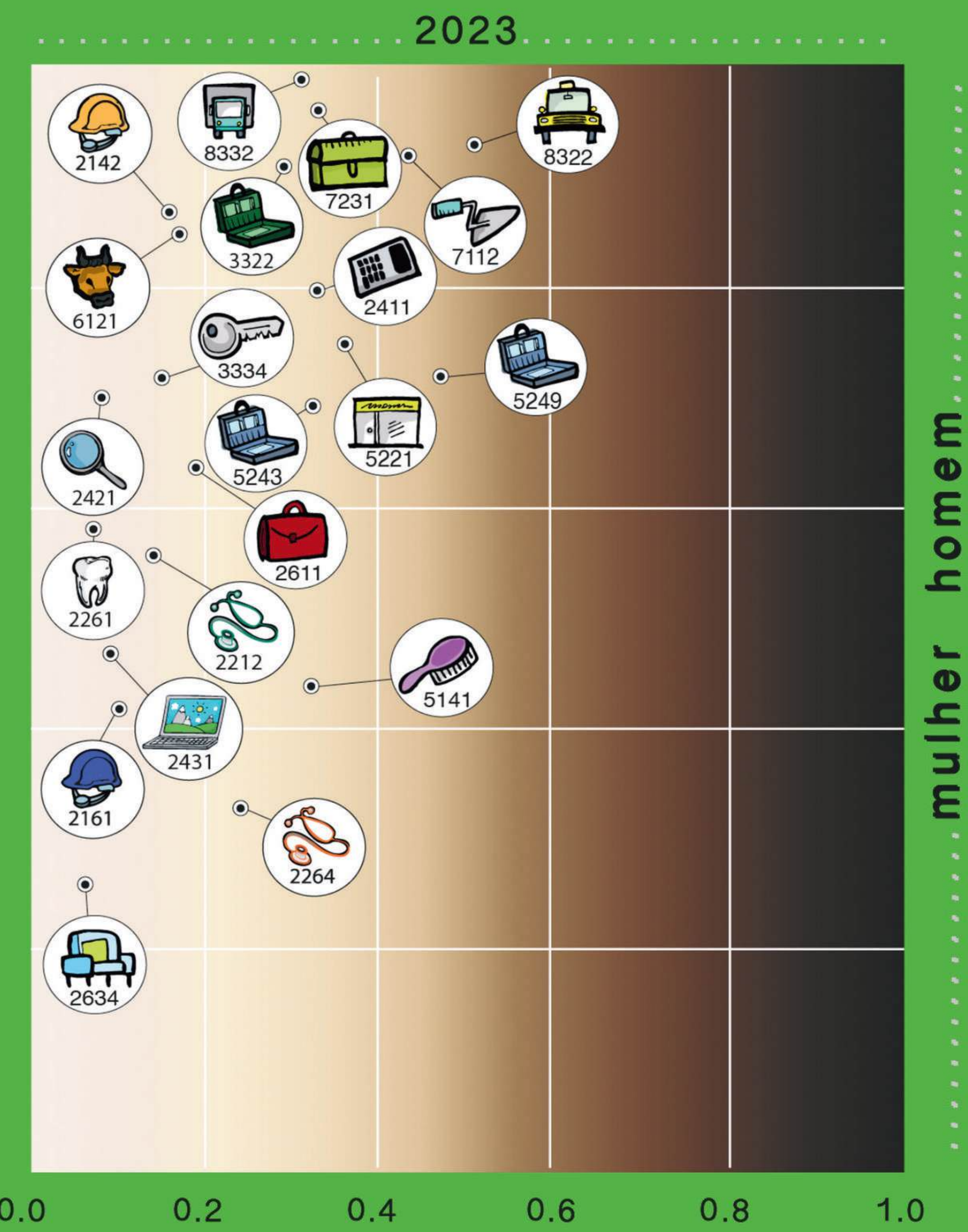
GRÁFICO 4 - ATIVIDADES POR CONTA PRÓPRIA POR FAIXA DE RENDA, SEXO E RAÇA-COR: RENDA ENTRE R\$ 2.601,00 E R\$ 5.200,00 (2023) (BRA-SIL URBANO)



A comparação entre os gráficos deixa evidente que, à medida que a renda cresce, o trabalho por conta própria se torna um mundo mais branco e mais masculino. O acesso à educação superior conduz a ocupações de renda mais elevada, mas a presença de pessoas brancas, sobretudo homens, continua a dominar as profissões com diploma. Nos estratos inferiores de renda, quando aparecem profissões liberais, elas se deslocam para o lado direito do gráfico. Nas

faixas de renda mais baixa, prevalecem as atividades ocupadas por pessoas negras. As divisões sexual e racial do trabalho indicam a longa duração da sociedade colonial, uma herança ainda nítida na economia brasileira contemporânea, dependente e pós-industrial. Mesmo trabalhando sem patrão, negros e mulheres são discriminados em relação a brancos e homens, e essa combinação é especialmente perversa para mulheres negras.

GRÁFICO 5 - ATIVIDADES POR CONTA PRÓPRIA POR FAIXA DE RENDA, SEXO E RAÇA-COR: RENDA SUPERIOR A R\$ 5.200 (2023) (BRASIL URBANO)



Fizemos uma **animação** que ajuda a visualizar os efeitos entrecruzados das desigualdades. Você pode conferi-la apontando a câmera do seu celular para o QR code a seguir.



DISTRIBUIÇÃO DA RENDA NAS ATIVIDADES POR CONTA PRÓPRIA DOMINADAS POR MULHERES NEGRAS

A seguir, vamos olhar mais atentamente o interior das atividades por conta própria dominadas por mulheres negras e homens negros. Os próximos gráficos comparam o ano de 2019 — antes da pandemia — com 2023, porque houve mudanças significativas na distribuição de renda por raça e gênero em alguns setores.

Quando trabalham por conta própria, as mulheres negras estão principalmente em ocupações que se referem aos cuidados do corpo e à produção de roupas e alimentos — padrão que ainda remonta à divisão do trabalho constituída durante a erosão do regime escravocrata no país.

Entre as cabeleireiras e as especialistas em tratamentos de beleza e afins (Gráficos 6 e 7), a renda está concentrada nos polos mais baixos. Em 2019, a renda era tanto maior quanto mais branco o grupo de trabalhadoras, mas isso mudou quatro anos depois nas atividades de Beleza: houve maior concentração no grupo negro e nele também se encontra o polo de renda mais alta.

As trabalhadoras dessas duas ocupações são quase to-

das mulheres, mas, especialmente no grupo de cabeleireiros, há homens brancos – e justamente ali se concentrava o segmento de renda maior em 2019; em 2023, a renda é mais feminina, mas ainda mais branca.

Com o grupo de trabalhadoras envolvidas na produção de vestimentas (alfaiates, modistas, chapeleiros, peleteiros - Gráfico 8) a distribuição de renda é diferente. Esse é um segmento predominantemente pardo. Em 2019, as variações

GRÁFICO 6 - ESPECIALISTAS EM TRATAMENTO DE BELEZA E AFINS POR FAIXAS DE RENDA, GÊNERO E RAÇA-COR (BRASIL URBANO, 2019 - 2023)

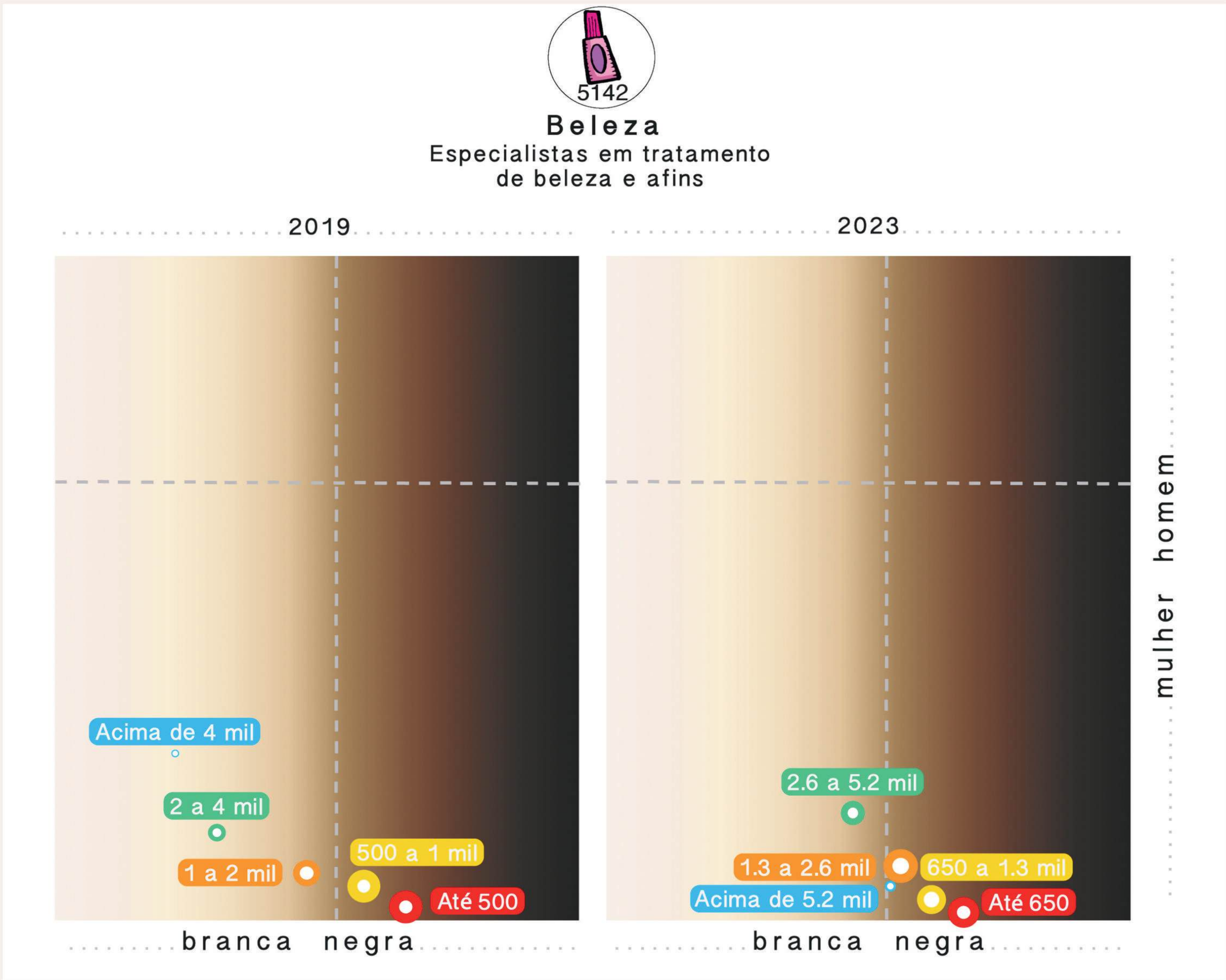
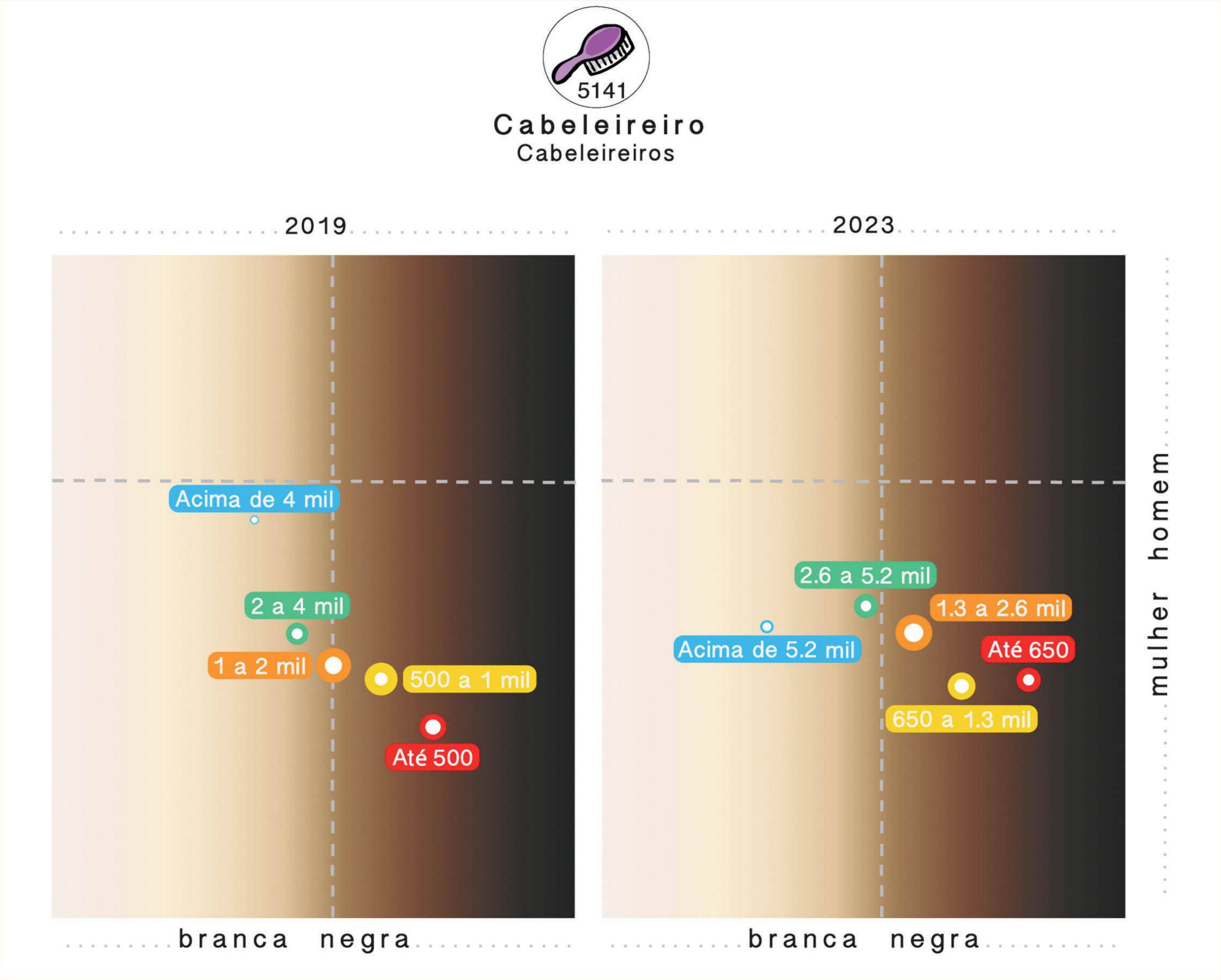


GRÁFICO 7 - CABELEIREIROS POR FAIXAS DE RENDA, GÊNERO E RAÇA-COR (BRASIL URBANO, 2019 - 2023)

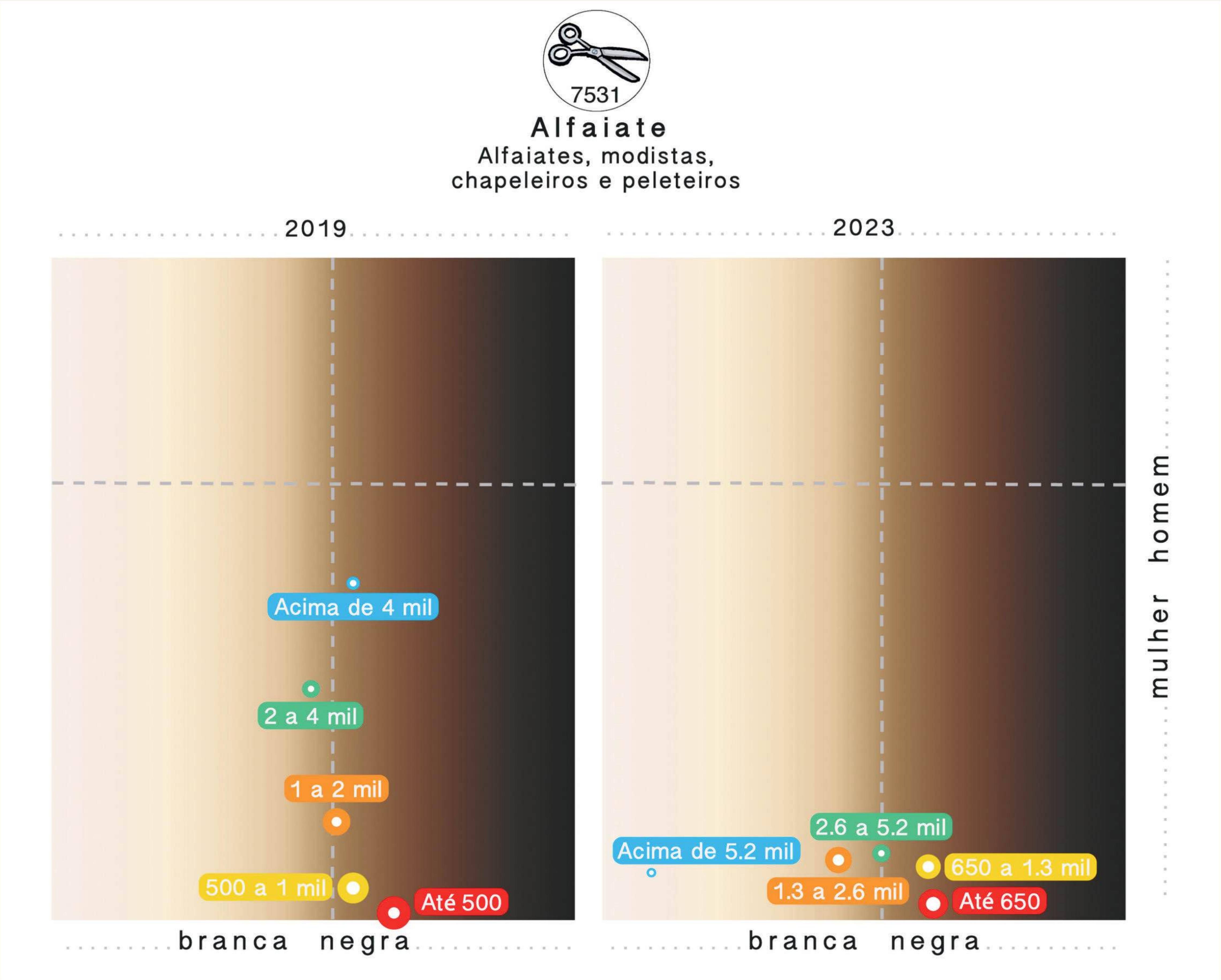


de renda tinham distribuição vertical, ou seja, na mesma faixa de raça-cor, e o contingente de renda mais alta era o que tinha maior participação de homens, enquanto o grupo mais feminino era também o de renda mais baixa. Quatro anos depois, a presença masculina nessa atividade caiu muito e a renda mais elevada deslocou-se para as mulheres brancas.

NOTA

As bolinhas com as faixas de renda correspondentes entre os dois períodos têm a mesma cor nos gráficos. Os valores são diferentes porque o cálculo foi feito a partir do salário mínimo de cada período.

GRÁFICO 8 - ALFAIATES, MODISTAS, CHAPELEIROS E PELETEIROS POR FAIXAS DE RENDA, GÊNERO E RAÇA-COR (BRASIL URBANO, 2019 - 2023)



Nas atividades de alimentação, que reúnem cozinheiras, padeiras, confeitadeiras e afins (Gráficos 9 e 10), repete-se o padrão de concentração de renda baixa em mulheres pretas e pardas e distribuição das faixas superiores em grupos cada vez mais brancos, mas sempre femininos. Há, contudo, diferenças importantes no to-

po da renda. Entre padeiras, a remuneração mais elevada se deslocou de homens negros em 2019 para mulheres brancas em 2023. Na cozinha, a renda mais alta se tornou cada vez mais significativamente concentrada em homens brancos no intervalo de tempo considerado na pesquisa.

GRÁFICO 9 - PADEIROS, CONFEITEIROS E AFINS POR FAIXAS DE RENDA, GÊNERO E RAÇA-COR (BRASIL URBANO, 2019 - 2023)

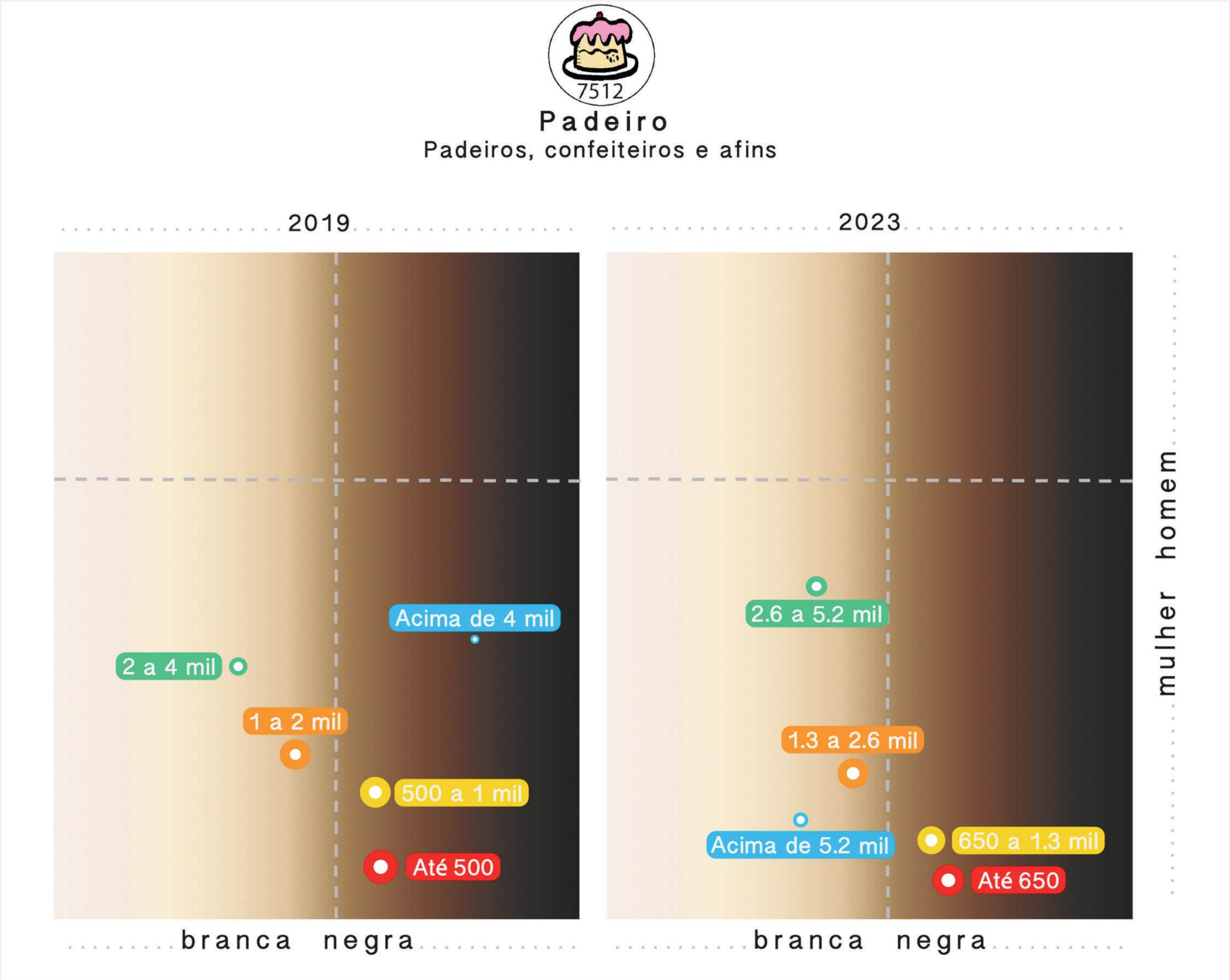
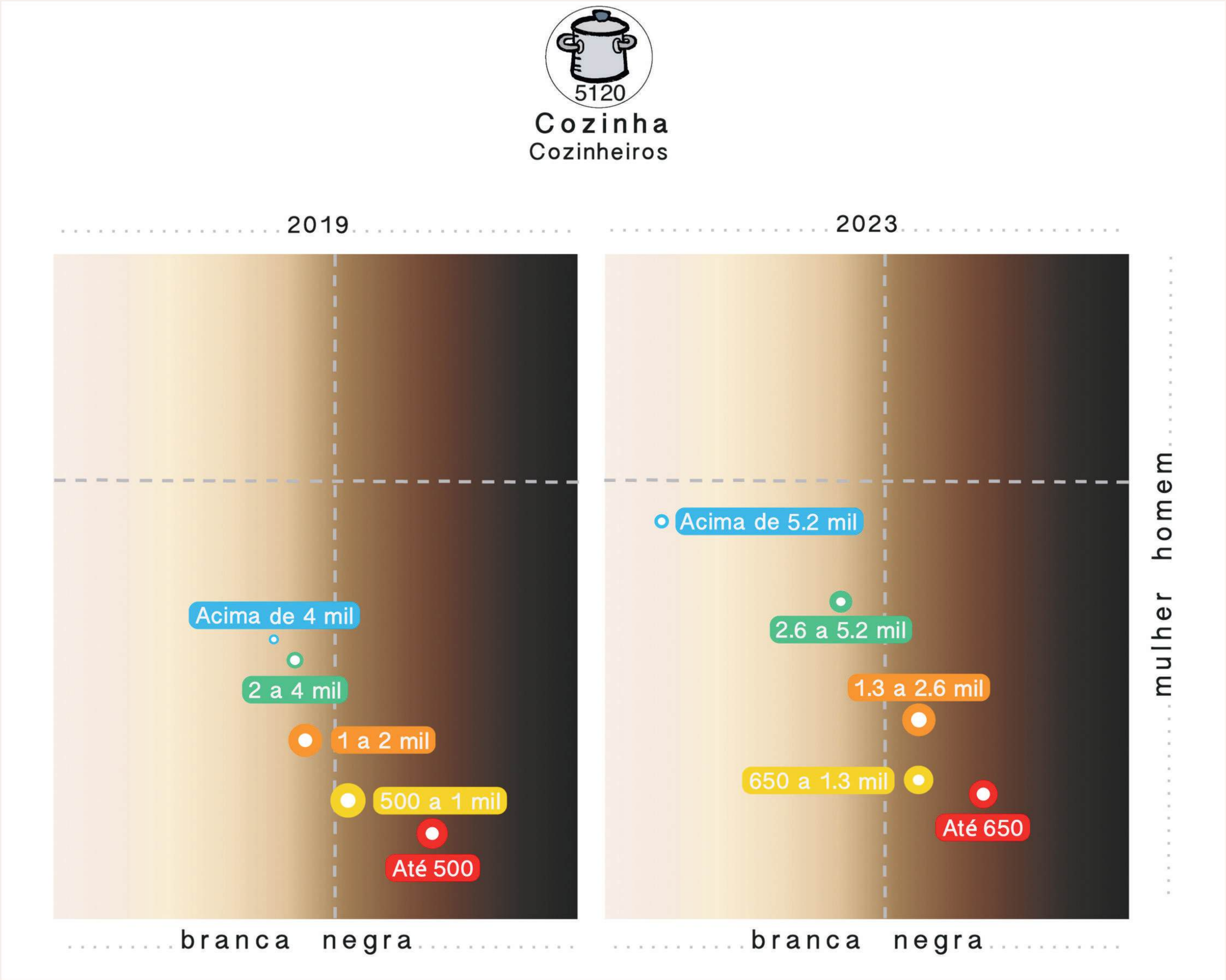


GRÁFICO 10 - COZINHEIROS POR FAIXAS DE RENDA, GÊNERO E RAÇA-COR (BRASIL URBANO, 2019 - 2023)



DISTRIBUIÇÃO DA RENDA NAS ATIVIDADES POR CONTA PRÓPRIA DOMINADAS POR HOMENS NEGROS



As ocupações por conta própria exercidas principalmente por homens negros se agregam em três grandes grupos: pedreiros e outras atividades ligadas à construção civil; motoristas de carros, táxis, caminhonetes ou motocicletas e trabalhadores de transporte; e manutenção de veículos. Todas são quase integralmente masculinas.

As atividades ligadas à construção (Gráficos 11, 12 e 13) têm, em geral, o mesmo

padrão de distribuição de renda: quanto mais branco o trabalhador, maior a chance de ter renda mais alta; quanto mais negro, maior a presença de renda baixa.

Em todos os casos, as remunerações inferiores a R\$ 2 mil (para 2019) e R\$ 2,6 mil (para 2023) são predominantes. Porém, há singularidades: a) entre 2019 e 2023, diminuiu a presença de homens brancos entre pedreiros e pintores; b) com isso, entre pintores, a ren-

GRÁFICO 11 - PEDREIROS POR FAIXAS DE RENDA, GÊNERO E RAÇA-COR (BRASIL URBANO, 2019 - 2023)

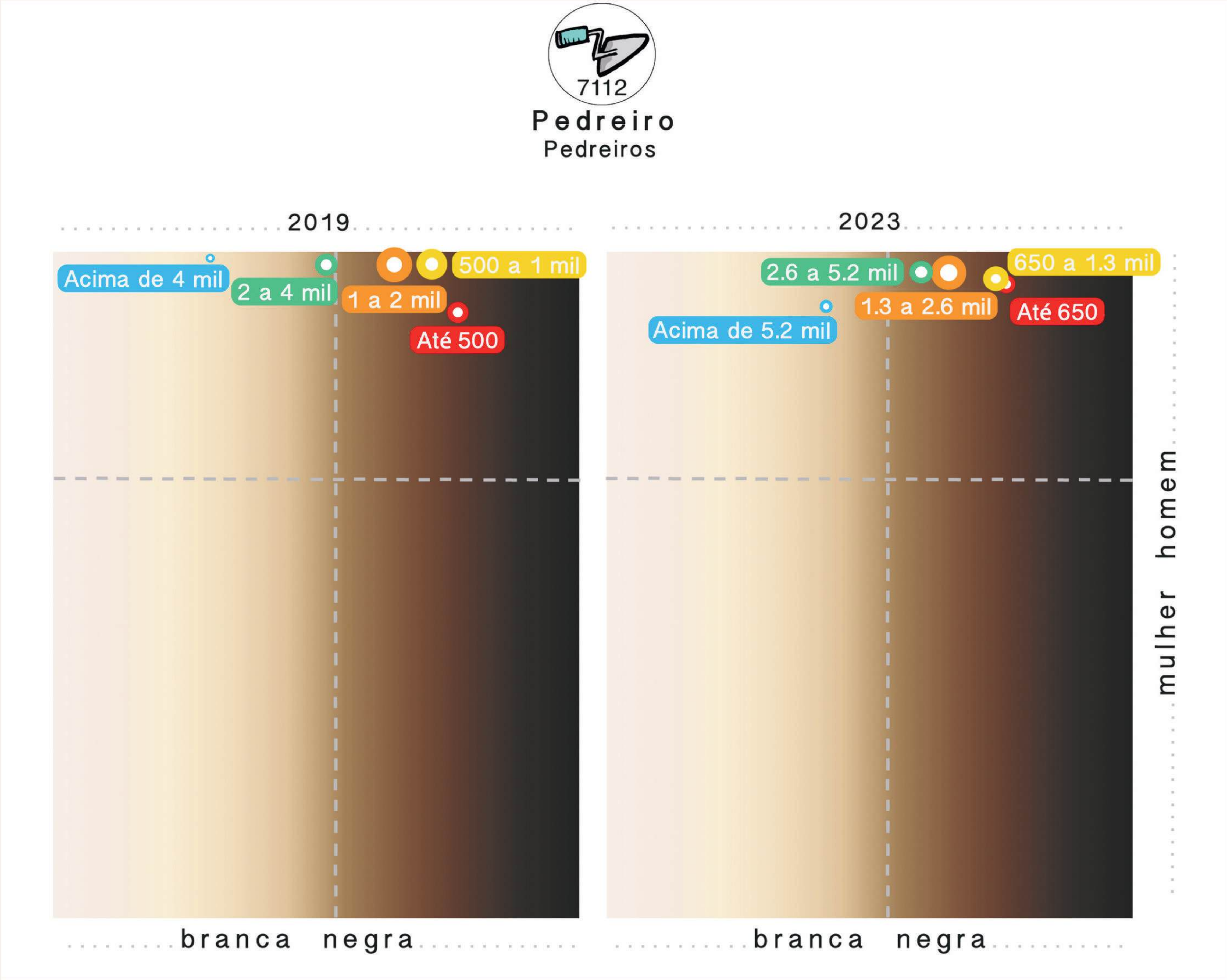
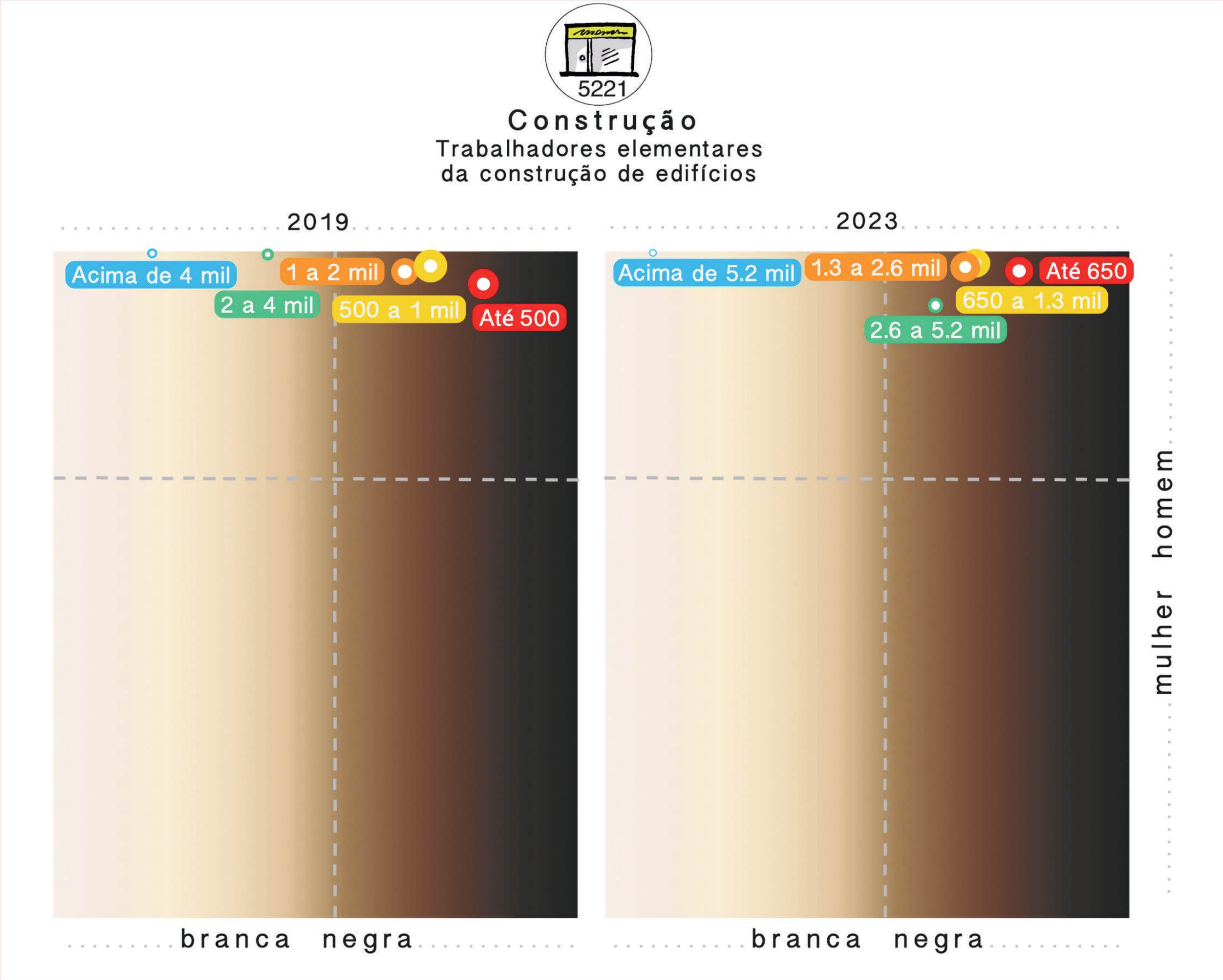


GRÁFICO 12 - TRABALHADORES ELEMENTARES DA CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS POR FAIXAS DE RENDA, GÊNERO E RAÇA-COR (BRASIL URBANO, 2019 - 2023)



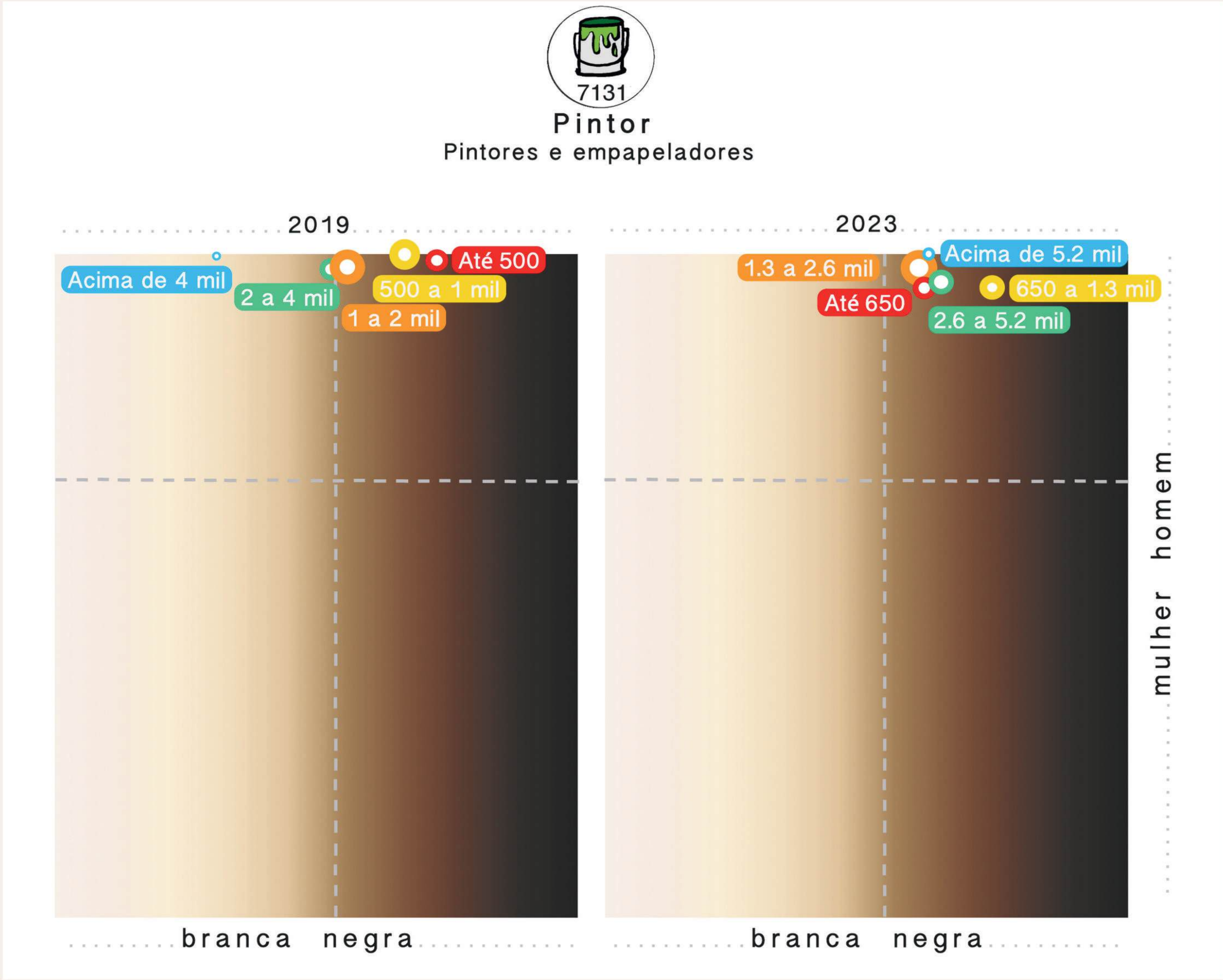
da mais alta em 2023 passou a ser de pessoas negras; c) no pessoal da construção, não houve essa redução e a faixa de renda mais alta se tornou ainda mais masculina e branca.

O desenho da distribuição de renda é um pouco diferente nas atividades de logística (motoristas de carro, táxi, caminhonete e motocicletas - Gráficos 14 e 15). Entre motoboys e mototaxistas, a maioria está nas faixas de renda inferiores concentradas no gru-

po negro, e uma pequena parcela dos trabalhadores, formada por brancos, ganha mais.

Entre motoristas de carro e táxi, contudo, a faixa de renda predominante é intermediária e a distância entre os que ganham mais e os que ganham menos é menor (em termos de raça-cor). Prevalece, entre motoristas, o grupo pardo - e surgem mais mulheres nas faixas inferiores de renda nessa ocupação entre 2019 e 2023.

GRÁFICO 13 - PINTORES E EMPAPELADORES POR FAIXAS DE RENDA, GÊNERO E RAÇA-COR (BRASIL URBANO, 2019 - 2023)



Os mecânicos e reparadores de veículos (Gráfico 16) também estão principalmente na faixa de renda intermediária. Nesse grupo, os trabalha-

dores com renda maior estão mais distanciados das demais faixas tanto em 2019 como em 2023, e sempre mais próximos do grupo branco.

GRÁFICO 14 - CONDUTORES DE AUTOMÓVEIS, TÁXIS E CAMINHONETES POR FAIXAS DE RENDA, GÊNERO E RAÇA-COR (BRASIL URBANO, 2019 - 2023)

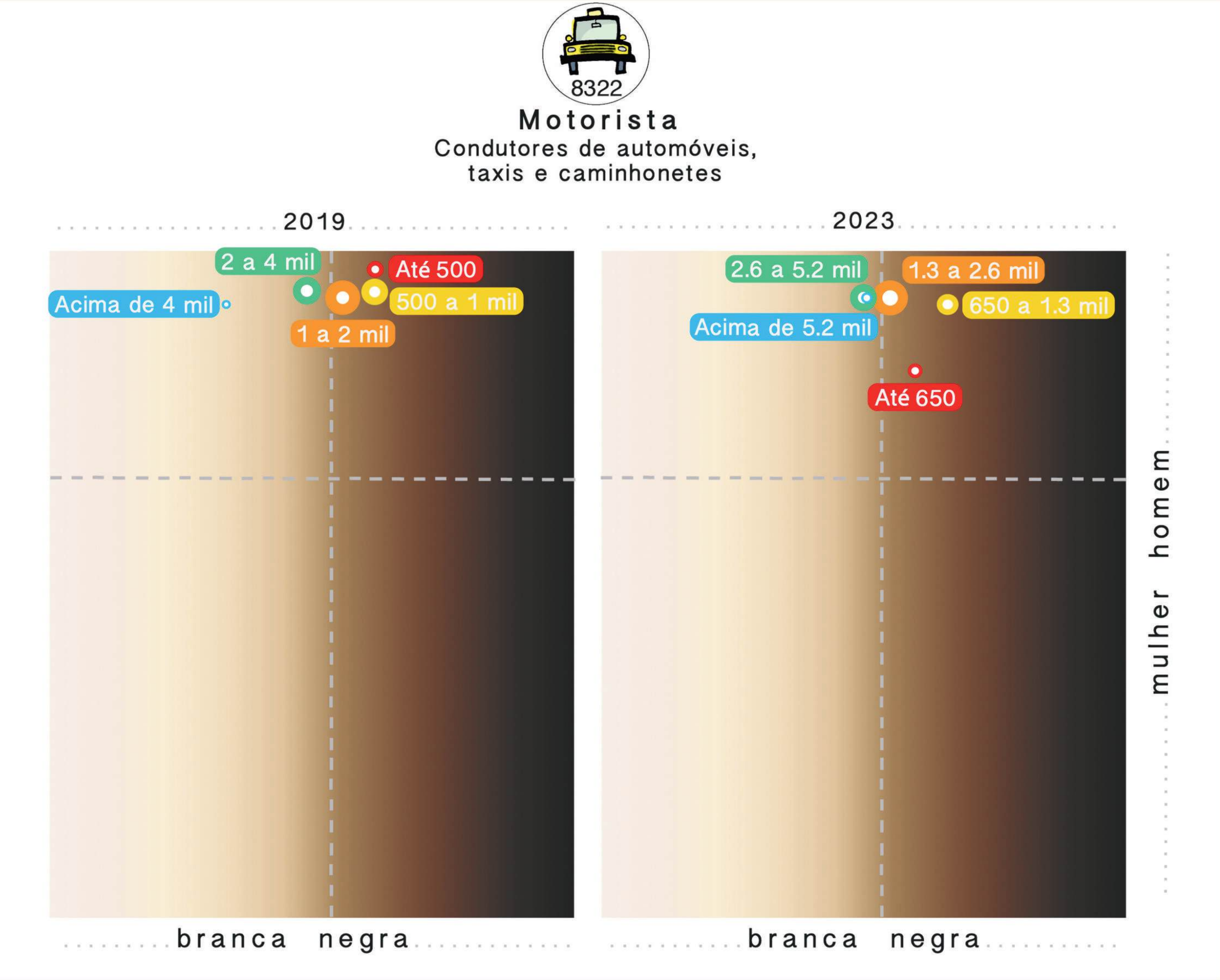


GRÁFICO 15 - CONDUTORES DE MOTOCICLETAS POR FAIXAS DE RENDA, GÊNERO E RAÇA-COR (BRASIL URBANO, 2019 - 2023)

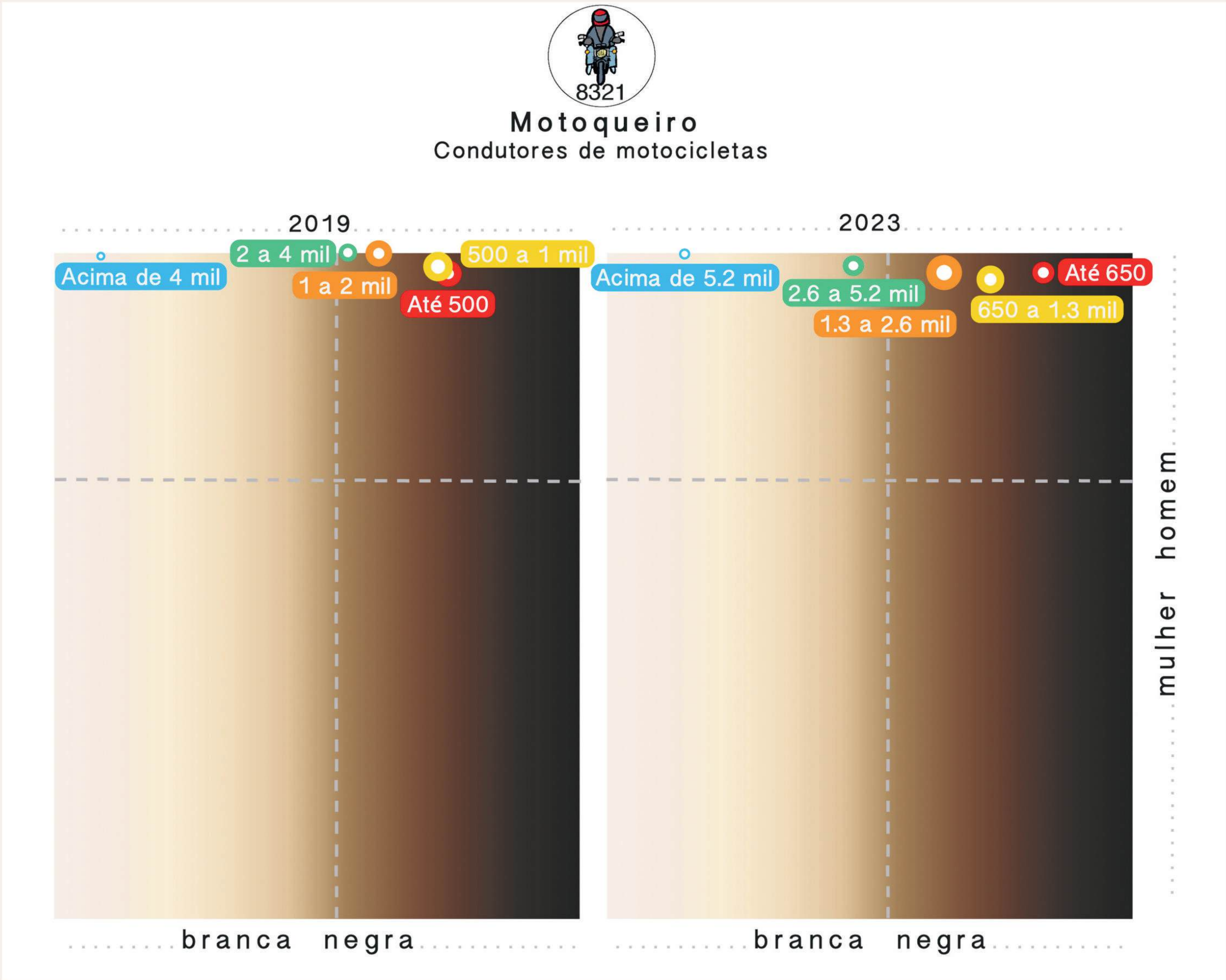
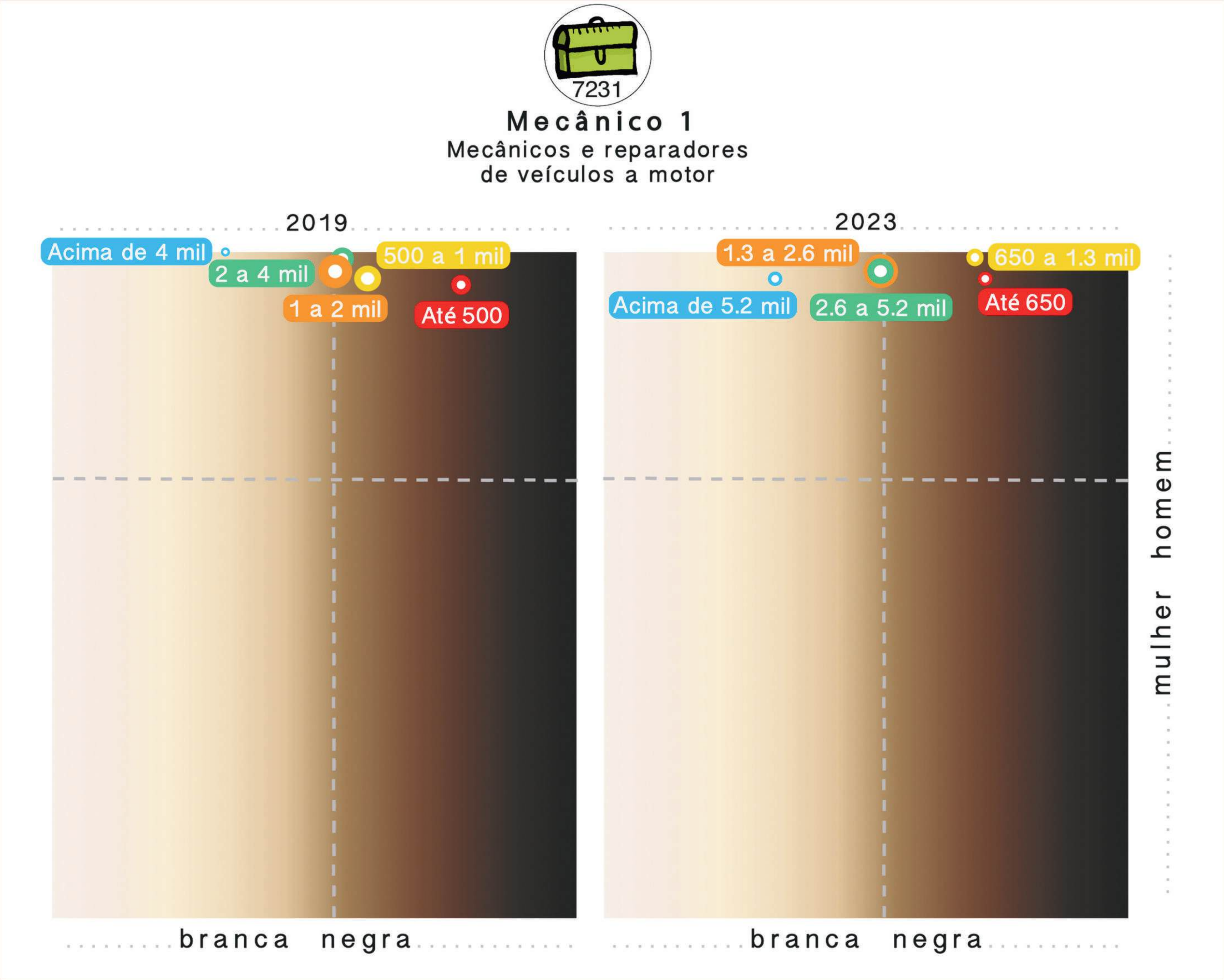


GRÁFICO 16 - MECÂNICOS E REPARADORES DE VEÍCULOS A MOTOR POR FAIXAS DE RENDA, GÊNERO E RAÇA-COR (BRASIL URBANO, 2019 - 2023)



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os dados que acabamos de ver refletem sobre a vida econômica das periferias brasileiras, em perspectiva interseccional* e diferente daquelas abordagens que leem os trabalhadores por conta própria com o rótulo genérico de “empreendedores”, bem como daquelas que deixam de ver nesse tipo de trabalho possibilidades de emancipação.

Esses trabalhadores e trabalhadoras do Brasil constro-

em relações duradouras com as atividades produtivas que desenvolvem, sendo, em geral, a única fonte de renda da pessoa. Como afirma a pesquisadora argentina Verónica Gago, o trabalho por conta própria, formal ou informal, é “uma possibilidade de vida – e não apenas de sobrevivência e violência – para uma grande parte da população, trazendo modos claramente inovadores de lutar com a escassez, a

violência, as instituições e o consumo”.

Em síntese, os dados da PNAD-C revelam que desigualdades de gênero, raça e classe influenciam diretamente na distribuição de renda no trabalho por conta própria: pessoas negras e em particular mulheres negras são mais presentes nas faixas de renda mais baixas, enquanto brancos, e sobretudo homens, prevalecem nas faixas mais altas.

Os dados denunciam a permanência de traços estruturais do passado escravista na construção da sociedade capitalista no Brasil, que tem como características a desqualificação de pessoas negras como aptas ao modelo de produção, a degradação do trabalho manual, o encastelamento da elite econômica e a permanência de uma estrutura de dominação que rebaixa a níveis mínimos a expectativa de recompensa pelo trabalho entre as pessoas mais pobres.

As crises do mercado de trabalho, como a que se acen- tuou em 2017 com a reforma trabalhista e, depois de 2020, com a pandemia de Covid-19, aumentam ainda mais as desigualdades, pois para conciliar trabalhos domésticos

Interseccionalidade é um conceito que descreve como fatores sociais, como raça, gênero, sexualidade, classe, entre outros, se sobrepõem e interagem para definir a identidade de uma pessoa e impactar sua relação com a sociedade. Ele foi cunhado pela jurista norte-americana Kimberlé Crenshaw em 1989 e foi popularizado nos anos seguintes, servindo como uma importante ferramenta analítica para os estudos e movimentos sociais.

e de cuidado com essa nova realidade, principalmente as mulheres são forçadas a buscar trabalhos mais flexíveis. A escassez de políticas públicas decorrente da redução do orçamento impõe, especialmente às mulheres negras, a inserção em trabalhos precários, informais, realizados, na maioria das vezes, em casa.

É insuficiente identificar os trabalhadores por conta própria como uma categoria uniforme de “empreendedores”, imaginando oportunidades iguais e a mesma disposição a a riscos, como muitos formuladores de políticas públicas e

intelectuais vêm fazendo até agora. Não faz sentido usar o mesmo conceito para descrever, por exemplo, uma mulher branca de classe média casada e sem filhos que abre seu negócio como profissional liberal, dispõe de capital social, cultural e financeiro que favorecem a consolidação do empreendimento, com uma mulher negra pobre que vende na calçada fatias de bolo com café para sustentar os filhos que cria sozinha.

A formulação de políticas públicas para o setor precisa levar em conta essa diversidade e as complexidades que dela advêm.

É preciso também superar a ideia de que a única alternativa ao trabalho por conta

própria seria o trabalho assalariado protegido por contrato, pois embora esses contratos sejam vantajosos para um grande número de trabalhadores, não servem para outros casos, soluções mais pertinentes à vida dos conta própria seriam mais adequadas.

É importante, por fim, considerar a integração dessas ações a políticas de combate às desigualdades de gênero, raça e região. Políticas de desenvolvimento focadas no apoio à economia popular serão mais efetivas se se voltarem às mulheres negras e se estiverem combinadas a ações de apoio à organização coletiva para combate às discriminações racial e de gênero.

SEÇÃO 3: RECOMENDAÇÕES PARA POLÍTICAS PÚBLICAS QUE PODEM TRANSFORMAR O CENÁRIO DO TRABALHO POR CONTA PRÓPRIA NO BRASIL

Apresentamos a seguir recomendações de políticas voltadas para melhorar as condições gerais do setor de trabalho por conta própria no Brasil e reduzir a desigualdade nesse contexto. O intuito é buscar soluções interconectadas para problemas que, tradicionalmente, são abordados de forma isolada no mercado de trabalho: a formalização das atividades, o combate às discriminações de classe, raça e gênero, o incentivo à inserção de jovens e ao apoio de idosos no mercado, além da redução das desigualdades regionais.

A proposta se baseia em es-

tudos e experiências acumuladas nos últimos anos, como a Recomendação 204 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), de 2015, a Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude (2011), o projeto Brasil Afroempreendedor e o livro Viver Por Conta Própria, resultante de etapa anterior da pesquisa.

Propomos políticas integradas em quatro frentes: o contexto de vida dos trabalhadores, o aperfeiçoamento das atividades realizadas, a expansão de redes sociais que promovam igualdade e uma política econômica que apoie pequenos negócios.

1

Domínio da vida na periferia

Objetivos:

- Garantir a vida ante a violência;
- Reduzir as vulnerabilidades.

Políticas:

- Expandir a renda mínima;
- Promover segurança habitacional, segurança alimentar e nutricional;
- Assegurar acesso à creche e escola;

- Assegurar acesso a restaurantes populares, lavanderias públicas e demais serviços pelos quais o Estado também responda aos desafios da esfera reprodutiva;
- Assegurar acesso à saúde pública;
- Assegurar condições adequadas de transporte;
- Aperfeiçoar oferta de serviços de internet;
- Reduzir a exposição das comunidades à violência, tanto a produzida pelo crime quanto a praticada por agentes de Estado em nome, por exemplo, da “guerra às drogas”.

2

Domínio da atividade produtiva

Objetivos:

- Qualificar o trabalho sem patrão;
- Ampliar a compreensão sobre desenvolvimento e práticas da economia comunitária e popular nos territórios e seus impactos nas economias local e regional;
- Ampliar a conexão do trabalho sem patrão nas periferias com outros territórios econômicos;
- Promover colaboração, solidariedade, compartilhamento e trocas comunitárias.

Políticas:

- Estimular organização em redes colaborativas: diferentes tipos de atividade num mesmo território / tipos semelhantes de atividade em territórios diversos;
- Reduzir assimetria de escolaridade em relação a trabalhadores (as) de outros estratos sociais;
- Assegurar o letramento digital;
- Aperfeiçoamento de competências de uso e melhoria do acesso à internet;
- Ampliar a oferta de capacitação e consultoria aos donos e donas de negócios nas comunidades pobres, desenvolvendo técnicas e metodologias adequadas às características de cada segmento, em linguagem popular:
 1. Finanças (educação financeira e o uso do dinheiro)
 2. Administração (gestão, precificação)
 3. Marketing/comercialização
 4. Comunicação/publicidade e divulgação
 5. Melhoria de produto ou serviço

- Apoiar a divulgação e a ampliação de mercados: feiras, plataformas compartilhadas ou colaborativas de e-commerce, aquisição de equipamentos;
- Promover espaços de comercialização e convivência que coloquem em contato o morro e o asfalto;
- Ampliar o acesso a crédito;
- Capacitar trabalhadores(as) na identificação e no combate às desigualdades cruzadas;
- Promover a formalização por via da extensão da proteção social (MEI social ou MEF, microempresa familiar);
- Integrar os donos e donas de negócios nas comunidades pobres nas iniciativas do Estado para o fomento à Economia Criativa.
- Retomar as Políticas Públicas que ligam a merenda escolar (principalmente as de escolas em áreas de baixo IDH) com a agricultura familiar;

3

Domínio das conexões sociais igualitárias

Objetivos:

- Promover igualdade social, de raça e gênero;
- Garantir justiça econômica no desenvolvimento sustentável.

Políticas:

- Desenvolver educação antirracista e antipatriarcal;
- Estender a trabalhadores oficinas sobre igualdade de gênero, violên-

cia contra mulher, direitos reprodutivos e lei 11.645 (Ensino da História e Cultura Africana, afro-brasileira e Indígena);

- Promover campanhas pela igualdade de direitos;
- Valorizar ancestralidade e diversidade;
- Aperfeiçoar a operação do Direito contra toda forma de discriminação;
- Promover zonas igualitárias de trocas comunitárias: espaços de interação social morro-asfalto, centro-periferias, que praticam sociabilidade e interconectividade, inclusive sob formas não-capitalistas (ou anticapitalistas);
- Desenvolver, em conjunto com outras políticas de promoção da igualdade racial, ações de combate à discriminação no mundo dos negócios;
- Direcionar as políticas de combate à desigualdade entre os gêneros para produzirem efeitos sobre especialmente os donos e donas de negócios nas comunidades pobres e periféricas.

4

Domínio da política econômica

Objetivos:

- Promover ambiente econômico favorável ao desenvolvimento do trabalho sem patrão nas periferias, integrado em redes colaborativas;
- Promover igualdade nas relações econômicas.

Políticas:

- Articular entre órgãos afins para a oferta de linhas de crédito especificamente para donos e donas de negócios nas comunidades pobres;
- Estado-consumidor: propor editais específicos para donos e donas de negócios nas comunidades pobres enquanto fornecedores de produtos para o setor público;
- Condicionar a contratação de fornecedores, donos e donas de negócios nas comunidades pobres (ou valorizar, no processo de contratação), assim como na oferta de serviços do Estado, aqueles que adotem práticas social e ecologicamente sustentáveis;
- Estimular a contratação, por grandes empresas privadas, de insumos, serviços e matérias-primas produzidos por donos e donas de negócios nas comunidades pobres
- Contemplar os donos e donas de negócios nas comunidades pobres nas iniciativas de desenvolvimento regional focadas em cadeias produtivas, valorizando em especial as atividades lideradas por empresários negros (em Arranjos Produtivos Locais – APLs, por exemplo);
- Fortalecer as iniciativas produtivas da juventude negra (tecnologia, inovação, startups e outras);
- No âmbito dos legislativos estaduais e municipais, discutir e aprovar Planos de Apoio ao Trabalho sem patrão, a exemplo da Lei nº 16.335, sancionada em 2015 pela Prefeitura de São Paulo, criando o Programa Municipal São Paulo Afroempreendedor;
- No âmbito do legislativo federal, apoiar o Projeto de Lei Nº 4057/2015 que institui o Programa Nacional do Afroempreendedorismo (Dep. Vicente Cândido/SP) e apoiar o Projeto de Lei Nº 6609/

2019 que institui a Política Nacional de Economia Solidária e os empreendimentos econômicos solidários, cria o Sistema Nacional de Economia Solidária e dá outras providências;

- Estimular a aprovação de um Fun-

do Nacional de Apoio, voltado também ao trabalho sem patrão, destinado à formação e capacitação, acompanhamento técnico, integração em rede e crédito para donos e donas de negócios nas comunidades pobres.

A agenda proposta visa integrar políticas públicas que, antes, eram tratadas de forma isolada, buscando garantir que essas ações alcancem os públicos prioritários, e promovam o engajamento coletivo em uma sociedade marcada pelo individualismo. A implementação dessa agenda exige cooperação entre governo e movimentos sociais, com foco nas periferias. Projetos-piloto podem testar as ações em comunidades específicas.

Em nível macro, as políticas devem focar no combate a discriminações e na configuração de um sistema econômico mais igualitário. No nível micro, o papel central pode ser da esfera pública não governamental, com o Estado

em um papel de apoio, principalmente no fomento ao desenvolvimento econômico e na criação de condições de igualdade.

Além disso, a agenda destaca a importância de apoio a pequenos negócios nas comunidades pobres, promovendo parcerias com instituições como SEBRAE e redes de apoio social, especialmente no que diz respeito às questões de raça e gênero. A superação das desigualdades estruturais também exige capacitação do funcionalismo público para combater discriminações como racismo e sexismo, ampliando a conscientização em áreas de atuação estatal, especialmente em serviços essenciais, como educação e saúde.

Descrição dos códigos das ocupações dos gráficos 1 a 16

 1211 DIRIGENTES FINANCEIROS	 2433 PROFISSIONAIS DE VENDAS TÉCNICAS E MÉDICAS	 5212 VENDEDORES AMBULANTES DE SERVIÇOS DE ALIMENTAÇÃO	 7213 CHAPISTAS E CALDEIREIROS	 9212 TRABALHADORES ELEMENTARES DA PECUÁRIA
 1219 DIRIGENTES DE ADMINISTRAÇÃO E DE SERVIÇOS NÃO CLASSIFICADOS ANTERIOREMENTE	 2611 ADVOGADOS E JURISTAS	 5221 COMERCIANTES DE LOJAS	 7231 MECÂNICOS E REPARADORES DE VEÍCULOS A MOTOR	 9811 TRABALHADORES ELEMENTARES DE MINAS E PEDREIRAS
 2132 AGRÔNOMOS E AFINIS	 2634 PSICÓLOGOS	 5243 VENDEDORES A DOMICILIO	 7233 MECÂNICOS E REPARADORES DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS E INDUSTRIAIS	 9313 TRABALHADORES ELEMENTARES DA CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS
 2141 ENGENHEIROS INDUSTRIAIS E DE PRODUÇÃO	 2642 JORNALISTAS	 5244 VENDEDORES POR TELEFONE	 7317 ARTESÃOS DE PEDRA, MADEIRA, VIME E MATERIAIS SEMELHANTES	 9520 VENDEDORES AMBULANTES (EXCLUSIVE DE SERVIÇOS DE ALIMENTAÇÃO)
 2142 ENGENHEIROS CIVIS	 3321 AGENTES DE SEGUROS	 5249 VENDEDORES NÃO CLASSIFICADOS ANTERIOREMENTE	 7318 ARTESÃOS DE TECIDOS, COUROS E MATERIAIS SEMELHANTES	 9612 CLASSIFICADORES DE RESÍDUOS
 2161 ARQUITETOS DE EDIFICAÇÕES	 3322 REPRESENTANTES COMERCIAIS	 5311 CUIDADORES DE CRIANÇAS	 7411 ELETRICISTAS DE OBRAS E AFINIS	 9629 OUTRAS OCUPAÇÕES ELEMENTARES NÃO CLASSIFICADAS ANTERIOREMENTE
 2211 MÉDICOS GERAIS	 3332 ORGANIZADORES DE CONFERÊNCIAS E EVENTOS	 6111 AGRICULTORES E TRABALHADORES QUALIFICADOS EM ATIVIDADES DA AGRICULTURA	 7412 MECÂNICOS E AJUSTADORES ELETRICISTAS	
 2212 MÉDICOS ESPECIALISTAS	 3334 AGENTES IMOBILIÁRIOS	 6112 AGRICULTORES E TRABALHADORES QUALIFICADOS NO CULTIVO DE HORTAS, VIVEIROS E JARDINS	 7512 PADEIROS, CONFEITEIROS E AFINIS	
 2250 VETERINÁRIOS	 3339 AGENTES DE SERVIÇOS COMERCIAIS NÃO CLASSIFICADOS ANTERIOREMENTE	 6121 CRIADORES DE GADO E TRABALHADORES QUALIFICADOS DA CRIAÇÃO DE GADO	 7522 MARCENEIROS E AFINIS	
 2261 DENTISTAS	 3423 INSTRUTORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ATIVIDADES RECREATIVAS	 8223 PESCADORES	 7531 ALFAIATES, MODISTAS, CHAPELEIROS E PELETEIROS	
 2264 FISIOTERAPEUTAS	 4221 TRABALHADORES DE AGÊNCIAS DE VIAGEM	 7112 PEDREIROS	 7533 COSTUREIROS, BORDADEIROS E AFINIS	
 2359 PROFISSIONAIS DE ENSINO NÃO CLASSIFICADOS ANTERIOREMENTE	 5120 COZINHEIROS	 7115 CARPINTEIROS	 8153 OPERADORES DE MÁQUINAS DE COSTURA	
 2411 CONTADORES	 5141 CABELEIREIROS	 7123 GESSEIROS	 8321 CONDUTORES DE MOTOCICLETAS	
 2421 ANALISTAS DE GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO	 5142 ESPECIALISTAS EM TRATAMENTO DE BELEZA E AFINIS	 7131 PINTORES E EMPAPELADORES	 8322 CONDUTORES DE AUTOMÓVEIS, TAXIS E CAMINHONETES	
 2431 PROFISSIONAIS DA PUBLICIDADE E DA COMERCIALIZAÇÃO	 5211 VENDEDORES DE QUIOSQUES E POSTOS DE MERCADOS	 7212 SOLDADORES E OXICORTADORES	 8332 CONDUTORES DE CAMINHÕES PESADOS	



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

**MINISTÉRIO DA
IGUALDADE
RACIAL**

